UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

WEIDER FERREIRA DA SILVA

PERSONALIZAÇÃO E DESPERSONALIZAÇÃO EM EMMANUEL MOUNIER

ORIENTADOR: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

Linha de Pesquisa: **Fenomenologia e Hermenêutica Filosófica**

JOÃO PESSOA
2018

WEIDER FERREIRA DA SILVA

PERSONALIZAÇÃO E DESPERSONALIZAÇÃO EM EMMANUEL MOUNIER

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA
2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Weider Ferreira da.
Personalização e despersonalização em Emmanuel Mounier / Weider Ferreira da Silva. - João Pessoa, 2018.
102 f.

Orientação: Iraquitan Caminha.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Personalismo; Ser Humano; Pessoa; Emmanuel Mounier. I. Caminha, Iraquitan. II. Título.

UFPB/CCHLA

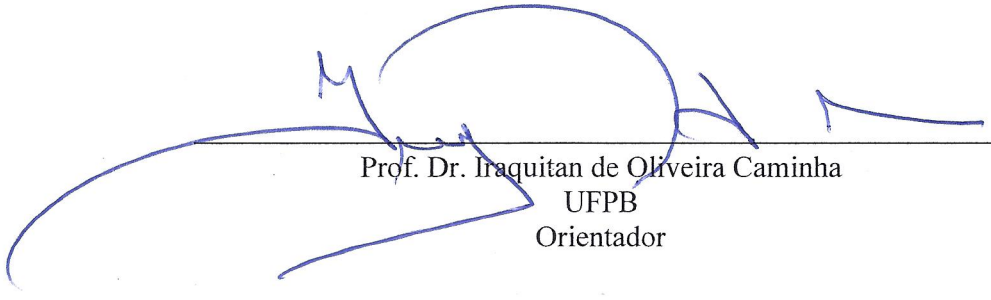
Weider Ferreira da Silva

PERSONALIZAÇÃO E DESPERSONALIZAÇÃO EM EMMANUEL MOUNIER

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

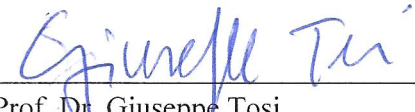
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha
UFPB
Orientador

Prof. Dr. Alino Lorenzon
UERJ e UFRJ
Examinador Externo



Prof. Dr. Giuseppe Tosi
UFPB
Examinador Interno

JOÃO PESSOA
2018

DEDICATÓRIA

À minha mãe amada, Maria de Fátima da Silva,
primeira pessoa que conheci,
como presente.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em geral, especialmente às minhas irmãs, por sua amizade e cumplicidade.

Ao meu companheiro Marcos Tadeu: a alternância entre sua companhia e sua ausência, tornou este trabalho um *telos* e uma possibilidade, e só o envelope do silêncio pode conter ou expressar a menção que tu mereces.

Aos meus amigos, colegas de profissão, de trabalho e de trabalhos, bem como a todo e a qualquer um que tenha sido pedra em meu caminho, seja de tropeço ou de edificação: não haveria caminhos e nem castelos sem vocês.

À professora Sílvia Contaldo, que plantou em meu peito "um trem", ao me emprestar seu exemplar de *O Personalismo*, primeiro contato com Mounier: o devolvo com esta dissertação (risos gostosos).

Ao Professor Iraquitan: sua presença, muito mais que orientação, foi uma luz no fim dos túneis pelos quais fui obrigado a passar.

Ao professor Alino Lorenzon e sua amada Agnès, que me fizeram crer de novo na pessoa, por seu exercício excepcional da comunicação.

Ao meu melhor amigo, no intervalo entre as batidas do meu pequeno coração, minha gratidão e tudo o mais.

“A reforma do homem transborda os limites do homem.”
(Emmanuel Mounier, 1975)

RESUMO

O personalismo de Emmanuel Mounier tem o ser humano como centro, nas suas reflexões. Ele o apresenta através do conceito de pessoa, uma maneira peculiar, bastante própria e original. Todavia, podem-se encontrar traços do desenvolvimento do conceito de pessoa ao longo de toda a Historia da Filosofia. A organização da ideia de ser humano como pessoa, da forma que conhecemos hoje, porém, só aparecerá em 1932, nas publicações da revista *Esprit*, na França, sob a inspiração e direção de Mounier.

Em seu trabalho, o filósofo empreende o esforço de conceituar a pessoa, atendendo às exigências de uma verdadeira reflexão dentro da Filosofia, sem, no entanto, se render ou entregar a pessoa às suas possibilidades limitadas de conhecimento, aos seus instrumentos técnicos e conceituais, pois, para ele, a pessoa jamais poderia ser estudada como um objeto, já que é ela, irredutível a isto, sob quaisquer aspectos.

Neste trabalho, apresenta-se uma reflexão sobre o movimento de personalização e despersonalização, conforme o pensamento de Mounier. A personalização é o movimento que o ser humano realiza para assumir a condição de pessoa. A condição de pessoa é compreendida como *telos* de todo ser humano e se realiza, se concretiza ou aparece; é movimento e acontece à medida que trilha um caminho particular e intransferível. Inserir esta reflexão nas linhas de pesquisa filosófica da Fenomenologia e Hermenêutica, portanto, faz todo sentido: se a pessoa acontece, aparece. Se aparece, é fenômeno.

A despersonalização, por sua vez, será analisada, nesta reflexão, sob duas possibilidades, ou sob dois entendimentos: primeiramente, como o contrário da personalização, num movimento que parte da condição e da vida pessoal já concretizada, de alguma forma; movimento no qual ela sofre o processo de deixar de ser. A segunda possibilidade ou entendimento do termo é aquela na qual o ser humano nem chega a ser pessoa, sendo mais exato dizer não-personalização, seja por causa das determinações do meio em que vive e outras, seja por escolha consciente e livre, que é fundamento da vida pessoal.

Palavras-chave: Personalismo; Ser Humano; Pessoa; Emmanuel Mounier; Personalização; Despersonalização.

RÉSUMÉ

Le personnalisme d'Emmanuel Mounier a pour centre l'être humain, dans ses réflexions. Il le présente à travers le concept de la personne, d'une manière particulière, propre et originale. Cependant, on peut trouver des traces du développement du concept de personne à travers l'Histoire de la Philosophie. L'organisation de l'idée de l'être humain en tant que personne, comme nous le savons aujourd'hui, cependant, apparaît seulement en 1932, les publications de la revue *Esprit* en France, sous l'inspiration et la direction de Mounier.

Dans son travail, le philosophe entreprend l'effort de conceptualiser la personne pour répondre aux exigences d'une véritable réflexion dans la philosophie, sans toutefois céder ou remettre la personne à leurs possibilités limitées de connaissances, ses outils techniques et conceptuels, car pour lui la personne ne pourrait jamais être étudiée comme objet, puisqu'elle lui est irréductible à tout point de vue.

Dans ce travail, nous présentons une réflexion sur le mouvement de personnalisation et de dépersonnalisation, selon la pensée de Mounier. La personnalisation est le mouvement que l'être humain accomplit pour assumer la condition de la personne. La condition de personne est entendue comme *télos* de tout être humain et se réalise, se concrétise ou apparaît; c'est un mouvement et cela arrive car il suit un chemin privé et non-transférable. Insérer cette réflexion sur les lignes de recherche philosophiques de la Phénoménologie et Herméneutique, par conséquent, il est logique: si la personne arrive, apparaît. Si cela apparaît, c'est un phénomène.

La dépersonnalisation, à son tour, sera analysée dans cette réflexion, de deux manières, ou deux interprétations: d'abord, par opposition à la personnalisation, un mouvement qui part de la situation et la vie personnelle a été accompli en quelque sorte; mouvement dans lequel elle subit le processus de cesser d'être. La deuxième possibilité ou la compréhension du terme est celui dans lequel l'être humain est même pas un, plus exact de dire non personnalisation, soit à cause des déterminations de l'environnement dans lequel ils vivent et d'autres, que ce soit par choix conscient et libre, qui est fondement de la vie personnelle.

Mots-clés: Personnalisme; Être humain; Personne Emmanuel Mounier; Personnalisation Dépersonnalisation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I - MOUNIER: SUA PESSOA, SEU MÉTODO, SUA OBRA.....13

CAPÍTULO II - O CONCEITO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER 17
2.1 Pessoa: uma visão do humano.....24
2.2 Personalismo: uma utopia?.....30
2.3 Pessoa e Ser Humano 32

CAPÍTULO III - RELAÇÃO ENTRE PESSOA E DIGNIDADE HUMANA 34
3.1 Pessoa e indivíduo 39
3.2 Personalização 43
3.2.1 A Existência Incorporada 44
3.2.2 A Comunicação 46
3.2.3 A Conversão íntima 55
3.2.4 O Afrontamento *56*
3.2.5 Liberdade com Condições *57*
3.2.6 O Compromisso..... *58*

CAPÍTULO IV – DESPERSONALIZAÇÃO 64
4.1 – Estado, demais instituições e despersonalização 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

BIBLIOGRAFIA 78

APÊNDICE – ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA *DIALOGANDO*.....81

INTRODUÇÃO

O pensamento de Emmanuel Mounier, em todas as suas manifestações, é uma tentativa de expressão de sua concepção singular do ser humano. Esta concepção, além de ser intencionalmente cunhada de maneira a permanecer aberta e sempre em construção, difere, em diversos e importantes aspectos, das formas anteriores de compreensão do mesmo objeto de estudo ao longo da História da Filosofia, que, por vezes o traz sob o nome de sujeito, indivíduo, consciência e, ainda, sob outras formas conhecidas, que, para o referido filósofo, se mostram insuficientes para abarcar o universo humano.

Embora não se possa afirmar acertadamente que Emmanuel Mounier tenha se utilizado do método fenomenológico ou do método hermenêutico em suas reflexões, não é difícil perceber a presença de elementos afins em seus escritos, além de alto conhecimento e recurso a fontes clássicas e profícuo diálogo com elas e com sua contemporaneidade, donde lhe vêm diversas influências em seu exercício de formular um conceito de pessoa, nos termos descritos acima, de abertura e construção. Isto poderá ser verificado com maior clareza quando, por força de necessidade, se proceder ocasionalmente à análise das influências identificáveis no conceito de pessoa, como, por exemplo, a influência de sua fé – Emmanuel Mounier era cristão e seu pensamento foi marcado fortemente por traços do pensamento filosófico cristão –; certa influência do materialismo histórico, dentre outras.

Ademais, vale lembrar que não existe apenas um tipo de personalismo, já que este não foi pensado por Mounier como um sistema filosófico fechado, mas como matriz filosófica, como ele mesmo diz: “Chamamos personalista toda doutrina, toda civilização que afirma o primado da pessoa humana sobre as necessidades materiais e sobre os aparelhos coletivos que sustentam seu desenvolvimento”. (MOUNIER, 1967, p.20). Assim, ao longo do seu desenvolvimento, são conhecidas diferentes correntes personalistas, como o personalismo fenomenológico de Max Scheler; o personalismo existencial, representado por Jaspers e Gabriel Marcel; o personalismo filosófico, do qual são representantes Renouvier e Stern; e o personalismo hermenêutico, representado por W. Jankelevitch e Paul Ricoeur.

Sendo assim, não encontramos problema algum em afirmar que a posição aqui assumida é, ao mesmo tempo, fenomenológica e hermenêutica. Fenomenológica por que a compreensão de pessoa que se deseja expressar é uma compreensão fenomênica ou, melhor

dizendo, busca-se sustentar, aqui, a pessoa como sendo um fenômeno, como sendo algo que acontece, que aparece, a despeito de Mounier nunca tê-la afirmado em seus escritos usando a palavra fenômeno. Mas é também hermenêutica, exatamente por propor uma leitura, uma interpretação que se mostra perfeitamente possível, já que se pode concluir das exposições de Mounier que a pessoa seja um mistério que nunca se acessa integralmente de maneira a esgotá-la, o que possibilita afirmá-la no campo fenomênico. O próprio exercício de buscar esta sustentação já é, em si, um exercício hermenêutico e a proposição do conceito de pessoa como sendo um fenômeno se alinha a uma tentativa de expressar uma visão de ser humano, iniciada, na verdade, pelo próprio Mounier, que o faz por meio deste conceito.

Desta feita, sempre haverá uma linha tênue entre as possibilidades de leitura e interpretação deste trabalho, que permitirá a uns que o interpretem até mesmo como "antropológico" e a outros, perceberem as nuances fenomenológicas e hermenêuticas desta tentativa de exposição de uma ideia de ser humano e de fazer uma referência ao modo peculiar de conceber o ser humano trazido pelo personalismo, dentro de uma ideia de ser humano específica que aqui é posta em evidência ao se dissertar sobre o conceito de pessoa.

Esta ideia de ser humano difere radicalmente da ideia de indivíduo, que é objeto de apego cioso da filosofia contemporânea, herança renascentista e da modernidade que expressa, muitas vezes, um humano mutilado, decomposto, reificado e absurdo, por que nunca visto ou pensado em totalidade, contudo preferida, malgrado as deficiências e insuficiências que a mesma apresenta, no aqui - agora do mundo.

O problema a que se presta esta reflexão é a personalização – num primeiro momento – e a despersonalização do ser humano – logo depois – dentro da compreensão de personalização e despersonalização encontradas no pensamento de Emmanuel Mounier. A intenção é evidenciar como o autor propõe e compreende esses movimentos, bem como de que maneira pode o ser humano vir a ser pessoa – e de que maneira ele não chega a ser pessoa ou, ainda, tendo-o realizado, de que maneira ele se pode despersonalizar.

Ao tentar uma solução para este problema, admite-se a hipótese de que o *telos* do ser humano seria o movimento de personalização ou, melhor dizendo, de que a realização do ser humano se daria através do movimento de ser pessoa, que seria o modo propriamente humano de existir ou a realização máxima do ser humano, não como uma espécie de finalidade

absoluta, da qual não se pudesse fugir, mas como a mais alta de suas possibilidades, à qual poderia, inclusive, renunciar.

A consequência lógica de tal raciocínio é a de que nem todo ser humano é, mas deve se tornar pessoa, a fim de realizar sua mais alta possibilidade. Pessoa, portanto, é uma ideia de ser humano. Mais que isso, pessoa é um modo de ser, o modo mais especificamente humano de ser.

Existem muitas ideias de ser humano. Há de se sustentar, nesta reflexão, que nem todas elas são profícuas ou levam-no a se realizar plenamente. Sustenta-se, também, que a ideia de ser humano que se tem num dado tempo-espaço determina muito de sua existência concreta, bem como se defende que essas ideias podem e devem mudar ao longo da História; e que esta mudança nunca se dá por uma ruptura radical com a ideia anterior.

A reflexão se iniciará com a exposição de uma breve biografia de Emmanuel Mounier, citando seu percurso filosófico, suas influências e o contexto histórico no qual se desenvolveu seu pensamento.

Em seguida, se fará a apresentação do conceito de pessoa, acompanhada de breve recurso a dados históricos sobre a noção de pessoa e sua relação com o conceito de dignidade humana, que, conforme o julgamento que se sustenta aqui, está intimamente atrelado àquela noção. Tais dados foram percebidos no estudo da etimologia da palavra ‘pessoa’ e suas significações, bem como no estudo da evolução histórica do conceito de dignidade humana.

Em seguida, se prosseguirá à analise do movimento de personalização, que será realizada tomando por base e roteiro, as chamadas “estruturas do universo pessoal”, elencadas por Emmanuel Mounier em sua obra *O Personalismo*.

Finalmente, se abordará o tema da despersonalização, sobre o qual Mounier não deixou muitos registros, mas que se entende como o movimento oposto do movimento de personalização, sendo compreendido, aqui, em dois sentidos: primeiramente, quando o ser humano não chega a ser pessoa e, depois, quando, tendo chegado a ser pessoa, se despersonaliza.

CAPÍTULO I - MOUNIER: SUA PESSOA, SEU MÉTODO, SUA OBRA

Nascido em Grenoble, em 1 de abril 1905, em uma família cristã de vida pacata e austera, Emmanuel Mounier, segundo uma das principais obras biográficas a seu respeito, era "de temperamento calmo, metódico, meditativo. Débil de constituição, alto, delgado" (DÍAZ, Carlos, 2000, p.28), viveu aproximadamente até os dezenove anos como filho único, já que sua irmã mais velha, Madeleine, estava frequentemente em um colégio interno. O fato não o impediu, porém, de manter forte laço com ela, demonstrado em diversas de suas correspondências, colhidas e catalogadas por sua esposa e seus amigos. Esta atividade – suas correspondências – ele a realizou de maneira bem intensa, até sua morte, ocorrida a 22 de março de 1950, em Châtenay-Malabry.

Seus progenitores eram pessoas simples e de pouquíssimos recursos. Seu pai, farmacêutico, tinha a saúde frágil. Sua mãe, mulher doce e reservada, cuidava da educação dos filhos e ajudava o marido em suas ocupações. Provou a miséria em algumas ocasiões, em sua vida e na de seus concidadãos.

Sobre a saúde do pequeno Mounier, há registros de que era, mais que a do pai, bastante frágil e problemática, "com uma visão muito debilitada em um olho desde os treze anos por culpa de um acidente no pátio do recreio, surdo de um ouvido por uma otite reincidente com sequelas e necroses ósseas que não puderam ser freadas até os vinte anos". (DÍAZ, Carlos, 2000, p.28-29).

A primeira escolha profissional do jovem Mounier foi a carreira de médico. Se bem que não se possa dizer, segundo seus registros, que fora uma escolha pessoal, pois a fizera mais para agradar e obedecer à vontade dos pais que por aptidão, que, a propósito, os fatos demonstrariam que não existia nele, para esta profissão. Não obteve sucesso e experimentou a frustração de se dedicar a algo que não lhe interessava e para o que não tinha talento algum.

Foi num encontro com Jacques Chevalier, conhecido de seu pai através de conferências temáticas sobre Malebranche e sobre César Frank, que Emmanuel Mounier vislumbrou sua aptidão para a Filosofia. Durante três anos, estudara sob os cuidados de Chevalier e, em 23 de junho de 1927, obtendo seu diploma de estudos superiores com a análise de Descartes intitulada *O conflito do antropomorfismo e o teocentrismo na Filosofia de Descartes*.

Em sua vida, fez escolhas que o colocaram à margem do ambiente acadêmico e dos grandes centros de civilização de sua época, dos quais se afastou por motivos de coerência com seu próprio pensamento: prefere se retirar e lançar mão de outros meios de inserção e de ação no mundo, que não a academia. Para ele, não havia sentido ocupar uma cátedra numa universidade, mesmo a Sorbonne, onde o teria conseguido facilmente, inclusive à frente de Sartre, em colocação, com quem compartilhou os mesmos ambientes de estudo, na École Normal Supérieure. Escrevera, sobre sua experiência na referida universidade, que "falta, sobretudo, a essas almas seguras dos professores o sacrifício, a prova, a noção concreta da miséria humana, assim como de sua verdadeira grandeza: só conhecem o hospital a partir de sua comissão de higiene". (DÍAZ, Carlos, 2000, p.28-29).

Mounier acreditava que sua Filosofia deveria ser uma Filosofia de ação, não de gabinete e é nesse sentido que não se considerava, ele mesmo, um filósofo. Suas principais influências foram o espiritualismo cristão e o neotomismo de Jacques Maritain; os ensinamentos de Jacques Chevalier, que possuía no seu estilo uma tentativa de reconciliação de Descartes e Bérgson; as ideias de Charles Péguy, donde Mounier assume o caráter de um pensamento menos preso aos esquemas universitários e mais aberto ao compromisso com a ação histórica. Por fim, ainda no escopo das influências de seu pensamento, se tem o fato de que o filósofo sempre procurou manter diálogo com todo tipo de pensamento e corrente filosófica, atitude que explica a presença de elementos do Existencialismo, do Marxismo e do Anarquismo no seu pensamento, por exemplo, e até forte característica fenomenológica em seu modo de fazer filosofia, se bem que nunca tenha aceitado tal alcunha.

Em 1932, funda a revista *Esprit*, que funciona como centro de animação e fomento das ideias personalistas e como uma frente de batalha contra o que ele e os demais intelectuais reunidos nessa associação irão chamar de "desordem estabelecida", sendo uma voz bastante ativa contra o nazismo e o fascismo, tomando sempre a posição de defesa do ser humano, a qualquer preço. É nesse momento que conhece sua futura esposa, Paulette Leclercq.

A revista fora fundada por ele, Mounier, mais três intelectuais que comungavam das mesmas ideias: Georges Izard, André Déléage e Louis-Émile Galey.

Falar da fundação desta revista abre espaço, aqui, para falar do método de Emmanuel Mounier e, consequentemente, de sua obra. De sua obra, porque esta nasceu e se desenvolveu através das páginas da revista: as maiores e mais importantes obras do autor são, na verdade,

coletâneas de artigos seus publicados em *Esprit*. De seu método, não há muito que dizer: como a revista tinha pouca preocupação acadêmica, isto se reflete claramente nos textos do autor, o que dificulta, sobretudo, sua classificação. Ademais, o próprio tema de suas reflexões é um tema que não se deixa classificar, pois, tendo um caráter sempre colaborativo e dialógico, sendo sempre fruto de discussões e debates políticos e culturais, esta filosofia de Mounier se nos apresenta, "em plena elaboração e em plena vida, uma filosofia que escapa a todas as sistematizações, exatamente porque assenta na pessoa que é livre e sempre imprevisível" (MOUNIER, 1974, p. 8), como propõe João Bénard da Costa, que escreve o prefácio de *O Personalismo*, obra sintética das ideias gerais do pensamento mounieriano. Assim, caso se possa tentar uma classificação, ao menos aproximada, seria de bom tom e honesto deixar suas obras no viés do dialógico, do dialético. Com efeito, o que se percebe com clareza é uma tentativa de dialogar com todas as correntes do pensamento vigente no segundo quarto do século passado.

Talvez, pelos motivos expostos acima, Mounier não figure muito nos esquemas de apresentação da História da Filosofia e permaneça, ainda hoje, além de pouco conhecido, como tantos outros filósofos, "um pensador motivo de polêmicas e polemizador por temperamento e por decisão pessoal. Logicamente, quem contradiz encontra e engendra contraditores". (CARRERAS, 1981, p.15). Assumindo por vezes a forma de "cronista do pensamento de sua época" (*Ibid*.), a maneira mais acertada de se lhe fazer uma leitura seria "ler-lhe em chave múltipla, como pensador rigoroso que enfrenta decididamente as questões mais radicais e, ao mesmo tempo, como ensaísta, periodista e literato [...] que escreve febrilmente enquanto viaja e corre de um lado para outro" (*Ibid*.).

Não se deve esquecer também o caráter combativo da obra. Esta se situa no período complicado entre as duas grandes guerras. A sociedade em que Mounier se desenvolve está passando por uma grande crise; o mundo todo está passando por essa crise que, agravada pelos eventos econômicos de 1929, repercute nos temas de seus escritos e nos de grande parte dos escritos filosóficos e intelectuais da época. A crise, de fato, foi ao mesmo tempo política, institucional, econômica e cultural, social e moral; e o personalismo, como outras filosofias, se preocupava em dar uma interpretação, em propor uma saída para a situação.

Essa saída, para os intelectuais da época, em sua grande maioria, não poderia ser, de maneira alguma, nenhuma forma de fascismo ou de absolutismo. Assim, Mounier e seus

parceiros, através da revista mesmo, se insurgem contra quaisquer que sejam as presenças deste perigo. E sofrem as consequências, como tantos outros: toma posição contra as ligas fascistas em 1934, pela Frente Popular em 1936, contra Munique em 1938, e pelos republicanos espanhóis em 1939. Em 1940, a revista *Esprit* surge em Lyon, na zona não ocupada pelos alemães, durante dez meses.

Seu texto *Supplément aux mémoires d'un âne*, foi censurado pelo regime pró-nazista de Vichy. Foi preso durante alguns meses por causa da sua participação no *Movimento da Resistência*. Após sua liberação, viveu na clandestinidade até a libertação da França, quando publicou, em 1946, o *Traité du Caractère* (Tratado do Caráter), escrito durante a prisão.[1]

Importa ressaltar, ainda, que *Esprit*, em determinado momento, passa de uma revista a um movimento, através dos chamados *"Grupos-Esprit"*, o que coloca o fenômeno num patamar significativo da História dos periódicos e movimentos, na França[2].

Através de sua obra, pode-se perceber alguém que escrevia do meio da vida, quer dizer, muitas vezes no meio das suas viagens, nos trens, e no meio das mais diversas ocupações – atitude diversa da de quem faz da escrita uma profissão. Percebe-se também alguém que vive de maneira diferente a sua profissão de fé, a ponto de não se abster de denunciar a deterioração do próprio Cristianismo de sua época, incorrendo, inclusive, na possibilidade da abertura de um processo contra sua pessoa por parte do próprio Vaticano.

O personalismo de Emmanuel Mounier se apresenta como um pensamento de práxis e de combate, de urgência e de última hora, de última vida. Sua vida mesma se confunde com suas ideias: uma Filosofia não sistematizável porque é, na verdade, uma matriz filosófica geradora de Filosofias, de maneiras de pensar que trariam a assinatura da pessoalidade de cada pensador em sua própria obra e em seu tempo, já que cada pessoa é única; uma matriz filosófica que é mais do que uma atitude, na qual podem ser ressignificados cada um dos sistemas filosóficos existentes, lendo cada um com a lente da centralidade da pessoa, da causa do ser humano. Por esta razão, dentre outras, é bastante difícil encontrar em seus textos, para fins de sistematização, outro fio condutor que não seja a pessoa mesma, em seu caráter de permanência aberta.

---

[1] Para uma abordagem mais completa de sua biografia, conferir: DÌAZ, Carlos. ***Emmanuel Mounier* (*Un testimonio luminoso*).** Madri: Ediciones Palabra, 2000.

[2] Para uma abordagem mais detalhada do movimento Esprit, vide artigo: CUGINI, Paolo. Emmanuel Mounier e a experiência da revista "Esprit". ***A origem da filosofia personalista***. *Dialegesthai. Rivista telematica di filosofia* [in linea], anno 11 (2009) [inserito il 20 dicembre 2009], Disponível em: <https://mondodomani.org/dialegesthai/>. Acesso em: 5 mai. 2018.

CAPÍTULO II - O CONCEITO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER

Ao personalismo interessa a totalidade da condição humana, não só a sua parte noética, isoladamente, bem como não só, também, sua parte física, ou nenhuma 'parte' à qual se poderia chegar numa divisão deste "objeto de estudo". O aspecto diferencial deste conceito proposto por Mounier para abarcar teoricamente o tema do ser humano (o conceito de pessoa) e assumido pelo personalismo em geral, do qual é iniciador e mentor, é sua capacidade de fazê-lo de forma ampliada e completa, tanto quanto possível para o caso de se poder dizer que não o faça totalmente, tendo maior sucesso, entretanto, que os conceitos propostos anteriormente para o mesmo fim. Assim o sugere Paul Ricoeur, amigo e discípulo de Mounier, evidenciando tal aspecto diferencial do uso do conceito de pessoa, para tratar do humano:

> Volta a pessoa! Não insisto sobre a fecundidade política, econômica e social da ideia de pessoa. Basta-me evocar um único problema: o da defesa dos direitos humanos em outros países que não o nosso, o dos direitos dos prisioneiros e dos detentos em nosso país, ou ainda os difíceis casos de consciência postos pela legislação de extradição: como se poderia argumentar em cada um desses casos sem referência à pessoa? Mas quero me concentrar no argumento filosófico. Se volta a pessoa, é porque ela continua sendo o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais evocados em outro lugar; quero dizer, um candidato melhor do que todas as outras entidades que foram levadas pelas tormentas culturais evocadas acima. (...) Prefiro dizer pessoa em vez de consciência, sujeito, eu. (RICOEUR, 1996, p.158).

Todavia, para que uma consideração simplista de seu ponto de vista não reduza o problema a uma querela de 'linguagem adequada', Ricoeur, no mesmo texto, evoca sucintamente os problemas que quer evitar ao justificar o uso do conceito 'pessoa', em detrimento dos demais conceitos que se referem ao ser humano, na Filosofia:

> Relativamente à "consciência", ao "sujeito", ao "eu", a pessoa aparece como conceito sobrevivente e ressuscitado. Consciência? Como se crê ainda na ilusão de transparência que se liga a esse termo, depois de Freud e da Psicanálise? Sujeito? Como se nutriria ainda a ilusão de uma fundação última nalgum sujeito transcendental, depois da crítica das ideologias da Escola de Frankfurt? O eu? Quem não sente a impotência do pensamento para sair do solipsismo teórico, a não ser que ele parta, como em Emmanuel

> Lévinas, do rosto do outro, eventualmente numa ética sem ontologia? (RICOEUR, 1996, p.158).

A alusão aos problemas que Ricoeur deseja evitar ao preferir o termo pessoa aos demais, para tratar do ser humano, tem o objetivo de pôr em evidência o problema da identificação do personalismo com o solipsismo e o subjetivismo, entendidos no sentido de uma exaltação do eu ou do particular, em detrimento do não-eu, com os quais é, às vezes, erroneamente identificado. Diz-se *erroneamente* porque o personalismo jamais prescindiu da comunidade na realização da pessoa.

Na compreensão de Mounier, o eu cartesiano, bem como as "outras entidades" citadas acima, só podem conduzir a uma ideia de ser humano solipsista que diz respeito, no máximo, a um ser humano hipoteticamente ilhado, completamente isolado no espaço, sozinho e livre de quaisquer influências externas e que, ainda assim, teria consciência de si mesmo. Ora, tal hipótese não corresponde jamais à realidade do ser humano: o eu é sempre referido a alguém-algo e a consciência, na verdade, é sempre consciência de alguém e de algo. No personalismo, há um 'nós pensamos' que vem primeiro, ao invés de um 'eu penso'.

Apesar do que foi dito, não são raros os enganos em que muitos recaem ao ter contato superficial com o personalismo. O mais recorrente deles é pensar que esta filosofia trata de assegurar o subjetivismo e o individualismo ao propor o conceito de pessoa como visão de ser humano. Ora, este seria um erro bem elementar de raciocínio, já que, desde o início, os teóricos do personalismo afirmam a pessoa como fenômeno impossível sem a coexistência, sem a comunidade como parte constitutiva do particular. Ao tratar disso, Mounier chega a afirmar a primazia do outro, ao menos no campo psicológico, sobre o eu, e coloca um acento muito agudo na coexistência e na comunicação como condições para a pessoa.

Ora, todo encontro é uma experiência do outro, sem a qual não é possível existir, mesmo para os mais votados ao solilóquio frugal e até mesmo ao egoísmo individualista, porque todo ser humano teve progenitores – exemplo imediato da condição necessária de ser relacional – e convivência com alguma forma de organização social, seja ela qual for. O personalismo, assim como outras filosofias, acredita e defende que o ser humano seja, por natureza, um ser social e mesmo se apoia na afirmação de que *"*os homens não são homens fora do ambiente social*"* (LUCIEN MALSON, apud LORENZON, 1996, p.9) e ainda de que *"*a pessoa traz em sua estrutura ontológica uma tendência inata para os outros*"*

(LORENZON, 1996, p.18), para inferir que a comunicação ou o contato com o outro é, além de condição para a vida social, para a Epistemologia e para a cultura, dentre tantos traços da antropologicidade, condição também para a formação da própria identidade, e do processo de personalização individual e comunitária:

> Assim é que a criança se descobre, até certo ponto, no espelho dos outros, [...] isto quer dizer que a criança conhece primeiramente os outros e depois a si mesma. Em outras palavras, a projeção, no plano psicológico, é anterior à subjetividade e à objetividade. (LORENZON, 1996, p. 24,25).

Tais afirmações, portanto, tornam sem sentido qualquer associação do personalismo ao subjetivismo exacerbado, ao psicologismo ou ao idealismo abstrato-utópico:

> Mounier usa o termo subjetividade como um termo mais amplo e que engloba as noções de consciência e autoconsciência e se concretiza na existência da pessoa como sujeito. É uma existência que implica liberdade, autonomia, tanto no sentido de que o sujeito tem um papel ativo em relação aos objetos, como no sentido de que esta existência permite à pessoa um distanciamento das coisas, distanciamento que permite a reflexão sobre o mundo, sobre si, e permite a transformação do que se conhece. (ROCHA, 2011, p. 42)

Pode parecer que Mounier esteja propondo algo contra a subjetividade, contra a admissão desta realidade. Na verdade, a questão não é com a subjetividade ou com a consciência – não se trata de negá-las! – e sim, com estas realidades entendidas de forma separada do corpo, da matéria:

> Efetivamente, as duas experiências não são separáveis: existir subjetivamente, existir corporalmente são uma única e mesma experiência. Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio, ao mundo, aos outros, através dele escapo à solidão dum pensamento que mais não seria do que pensamento do meu pensamento." (MOUNIER 1974, p. 51).

Se há alguma negação quanto a esses temas, tal negação acontece só em relação a uma ideia de hierarquia na qual a matéria seria menos importante que o espírito e, também, em relação a considerar a separação dessas realidades como caminho válido para conhecimento do ser humano e para construção de uma visão de homem.

Ainda assim, o sujeito, o eu transcendental ou a consciência, entidades que se robustecem no pensamento de Descartes e tantos outros teóricos modernos, eleito(a) pela modernidade como ideia de ser humano que veio a ser a base da organização social, não são suficientes para abarcar a realidade humana, simplesmente porque dividem o ser humano em partes, tal como os objetos da experiência científica moderna e contemporânea. Justamente porque o ser humano não pode ser tratado como um objeto e não se pode tratar dele com os mesmos termos com que se teoriza sobre o que lhe é externo:

> Não sou um cógito leve e soberano no céu das ideias, mas este ser pesado cujo (próprio) peso dará (será) uma grave expressão; sou um eu-aqui-agora; talvez seria necessário enunciar um eu-aqui-agora-assim-entres os homens-com este passado. (MOUNIER, 1956, p. 42).

Para Mounier, é necessário que a consciência seja inserida numa compreensão total do ser humano, não se pode aceitar que este seja resumido àquela. Assim, afirma que esta seria "a omissão capital, o pecado original do racionalismo. Esqueceu ele que o espírito cognoscente é um espírito existente, e que o é não em virtude de uma qualquer lógica imanente, mas de uma decisão pessoal e criadora". (MOUNIER, 1963, p. 22-23).

Aqui, talvez seja salutar lembrar também que o ser humano não pode ser visto como se estivesse à parte do mundo, como um objeto isolado, nem mesmo quando se propõe a voltar seu olhar investigativo sobre o mundo, do qual faz parte:

> (...) para Mounier, a razão e a reflexão só têm sentido completo e integral enquanto etapas prévias da ação. Isto significa que a consciência é uma consciência engajada [comprometida, situada], e seu pretenso caráter de imparcialidade e de objetividade descomprometida é passível de ilusões e de suspeitas. (SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e Existência*, p.61, in ROCHA, p. 42).

Assim, fica sem sentido também qualquer pretensão de objetividade pura, de redução plena da realidade humana num conceito fechado e perfeito, pois "um sistema conceitual pode definir com precisão o que não é, mas explica só mediocremente o que é. Aquilo que é certo no plano da ontologia é mais certo, todavia, quando nos deslizamos ao plano da história." (MOUNIER, 1956, p. 28).

No que tange à pessoa, há que se conseguir e talvez inventar novos métodos de estudo, que levem em consideração a totalidade do ser humano:

> Pois o conhecimento das coisas do homem, e do mundo na medida em que interesse ao homem, se consegue só pelo compromisso que aceitamos com seu objeto. Este conhecimento comprometido constituí a verdadeira objetividade, pois o espectador, em matéria humana, dissolve o objeto em lugar de revelá-lo. (MOUNIER, 1956, p.52).
> O impasse e o bloqueio em que as descrições intuitivas e as dissociações experimentais a colocaram em um determinado momento em frente a um novo problema: inventar instrumentos de análise na escala de grandes estruturas e grandes associações psíquicas e não mais para escala de comportamentos empíricos, como testes laboratoriais.[3] (MOUNIER, 1974, p. 30).

A criação desses novos métodos só será possível a partir de um questionamento nada cômodo: é preciso desinstalar e sacudir a própria ideia de ser humano! A que comumente se privilegia hoje é fruto da mentalidade científica positivista moderna e filha do cartesianismo, está vestida com a moda do reducionismo, como consequência. Mas o ser humano não é afirmação, somente; nem negação, somente. É interrogação, primeiramente, e a pessoa é movimento, não condição estática a que se chega ou premio imóvel que se alcança. A pessoa, antes de tudo, é um equilíbrio no fio bambo e tênue esticado entre o movimento de personalização que se admite como *telos* do humano e o movimento de despersonalização. Ora, a razão instrumental, pedra de toque da ideia de ser humano a que há pouco se fez alusão, é uma caixa muito pequena para conter qualquer realidade que pertença ao universo pessoal – já o que é humano não cabe nela, sem mutilações! – e Mounier insiste em propor essa mudança justamente por prever que "ante o ser humano-instrumento, já não existe limite para a inumanidade". (MOUNIER, 1956, p. 128).

O conceito de pessoa emerge, então, na Filosofia, como proposta alternativa de entendimento da realidade humana. Ele traz em sua definição a pertença do ser humano ao mundo físico-natural, compreendida como relacional e necessária, além de elemento constitutivo do mesmo. Justamente neste ponto é que se torna possível falar em uma aproximação parcial com a ideia de ser humano trazida pelo marxismo, em certa influência deste, como se explicitará mais abaixo, ou, pelo menos, numa apropriação do caracter materialista da mesma, quando se diz que a pessoa é encarnada. Além disso, o personalismo entende que a pessoa é também um ser espiritual, tanto quanto material, um ser no qual coexistem essas duas realidades numa só e mesma, de maneira natural. Portanto, insiste em manter entre os atributos constitutivos da pessoa a transcendência, seja ela vertical (sua

[3] Tradução nossa.

espiritualidade ou capacidade para ela), seja horizontal (sua saída de si mesmo em direção a outrem, pessoa ou mundo). Ao lado destes elementos, o conceito de pessoa também procura resguardar ao ser humano sua capacidade criativo-criadora e sua imprevisibilidade, bem como sua liberdade e responsabilidades.

Ao mesmo tempo em que propõe uma nova maneira de enxergar a condição humana, Mounier procura resguardar a dinamicidade dessa condição, através da intenção de manter o conceito de Pessoa sempre aberto e dinâmico. Daí procede a dificuldade principal de compreensão deste conceito: dizer 'a pessoa é isto...', ou 'o ser humano é aquilo...' seria reduzir sua grandeza, para este filósofo. Além destas dificuldades que saltam da própria natureza do "objeto" estudado, que, no caso, é o ser humano mesmo, há outra dificuldade, que salta do ser humano Mounier, em si: ele jamais quis ou pensou um sistema filosófico, apesar de afirmar que

> [...] o personalismo é uma filosofia, não é apenas uma atitude. É uma filosofia, não é um sistema. Não foge à sistematização. Porquanto o pensamento precisa de ordem: conceitos, lógica, esquemas unificantes (...). Porque define estruturas, o personalismo é uma filosofia, e não apenas uma atitude.Mas, sendo a existência de pessoas livres e criadoras a sua afirmação central, introduz no centro dessas estruturas um princípio de imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva. (MOUNIER, 1974,p.16-17).

Assim, não resta outro caminho a seguir para encontrar as inspirações e os caracteres específicos do conceito de pessoa criado por Emmanuel Mounier.

Ao propor sua ideia de ser humano, ele concebe a noção de realismo trágico do ser humano e, notadamente, se aproxima muito de algumas ideias marxistas, como foi dito quando se mencionou o materialismo presente no conceito de pessoa, com distanciações igualmente notáveis. Todavia, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso sobre o que se poderia chamar de *influências do materialismo marxista na gênese do conceito de pessoa.* Com efeito, o personalismo nunca viu problemas em admitir que *tudo no ser humano está imbuído de sangue e terra* [4]*,* o que expressa através da afirmação de que a pessoa é um ser encarnado. Evidentemente, a expressão "encarnação" é de inspiração cristã e tem implicações notáveis nas proposições do filósofo de Grenoble.

[4] Cf: : "[...] nada há em mim que não esteja imbuído de terra e de sangue". (MOUNIER,1974, p. 40).

Seu ponto de partida é a natureza (o mundo) – pois é isto que aparece primeiro! – e o ser humano se encontra inserido nessa natureza, já numa relação autoconstituinte de negação: ele nega a natureza para ter consciência de si – 'eu não sou o mundo, sou algo diferente dele'. Nessa relação, somente o ser humano é capaz de realizar transformações na natureza de maneira consciente, através do trabalho e, para Marx, este é precisamente o ponto que diferencia o ser humano das outras formas de vida. Afirma o autor:

> [...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material.
> Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo a frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material. (MARX & ENGELS, 1998. p. 10).

Para o personalismo, porém, esta definição do ser humano a partir do trabalho e como parte da natureza não é suficiente. A importância desta categoria – trabalho – não se deve somente ao fato de ter o ser humano a capacidade de produzir objetos e realizar tarefas. Sua amplitude, na teoria marxista, se deve bem mais ao fato de que o trabalho realizado por um ser humano é considerado a exteriorização dele mesmo: Marx entende que o ser humano e seu trabalho se identificam ontologicamente. Uma consequência importante desse argumento é que o ser humano seria, também ele, produto de si mesmo e o personalismo a assume de maneira incisiva, quando trata do tema da personalização, apesar de não reduzir o processo a isso. Por esta razão, não se poderia deixar de aludir a essas categorias marxistas, das quais se pode reconhecer a aproximação e a distanciação, no pensamento de Mounier.

A análise dessas relações entre o ser humano e a natureza, entre o ser humano e seu trabalho, entre o ser humano e os meios de produção e, a partir disso tudo, das relações interpessoais, terá como consequência diversos conceitos muito caros ao marxismo, que, para este estudo, configuram um excesso. Por hora, faz-se necessário apenas a atenção ao que se tentou esboçar acima, em linhas gerais: o pensamento de inspiração materialista, que tem sua

expressão máxima nas teorias marxistas a respeito da natureza humana, em sua contribuição para pensá-lo como pessoa.

2.1 Pessoa: uma visão do humano

O conceito de pessoa, como já foi apresentado, é exatamente a forma com que Emmanuel Mounier apresenta sua noção peculiar de natureza humana, ou, como ele mesmo preferia dizer, condição humana, ao invés de natureza humana, por considerar a primeira expressão um tanto quanto fixista e já desgastada na Filosofia.

Para ele, a pessoa é um ser natural, mergulhado na corporeidade material (corpo), dotado de espírito (*nous* ou pensamento, alma ou *psique*, *pneuma* ou respiração), de liberdade, criatividade e imprevisibilidade irrevogáveis.

O enunciado acima, que funciona como uma pretensa fórmula de definição, não representa, todavia, mais que uma tentativa malograda de conceituar o que na verdade não caberia num conceito, para Mounier. Por diversas vezes ele afirma, em sua obra, que o ser humano ou a condição humana não podem ser conceituados com total sucesso, a não ser sob pena de redução ontológica e prejuízo na compreensão de tão grandioso tema: "[...] só se definem os objetos exteriores ao homem, que se podem encontrar ao alcance da nossa vista. Mas a pessoa não é um objeto. Antes, é exatamente aquilo que em cada homem não é passível de ser tratado como objeto." (MOUNIER, 1974, p.15).

As reflexões sobre a pessoa não se originaram com o personalismo. Existe toda uma tradição antropológico-filosófica que, conscientemente, é retomada por esta Filosofia, sem a pretensão de reclamar que o tema da pessoa seja exclusividade sua, muito embora somente ela a tome como ponto de partida e objeto de estudo, fazendo com que convirja nela toda e qualquer iniciativa do pensamento. Apesar disso, não se pode considerá-lo como a única corrente filosófica a estudar o tema. Tampouco qualquer autor, personalista de fato, faria esta reivindicação – menos ainda Mounier, visto também, que não existe apenas um personalismo. Dentre todos os que existem, porém,

> O personalismo de tradição cristã consegue retomar a tradição clássica e dialogar com as novas escolas filosóficas – como e o caso da Fenomenologia – além de oferecer uma visão integrada, totalizante e profunda da pessoa

> humana que é tarefa de toda antropologia filosófica que se preze. (LIMA VAZ, 2011, p.15-16).

Fazendo uma justa referência, Henrique Cláudio de Lima Vaz, conhecido filósofo de metodologia e inspiração confessadamente hegelianas – mas personalista em muitos de seus temas, já que também retoma o tema da pessoa como visão do humano – é um exemplo atual contundente da relevância e atualidade do conceito de pessoa e realiza um trabalho significativo em sua obra *Antropologia Filosófica*, conseguindo o efeito de explicitar melhor a caracterização da condição humana através do uso de categorias como *corporeidade* e *nous.* Em suas reflexões, ele parte da categoria *corpo*, com a qual sublinha o *estar-no mundo* como primeira manifestação do humano, para chegar – note-se que passando por categorias bem próximas daquelas utilizadas antes por Mounier– ao que ele denomina "ultima fronteira ontológica", onde se apresentaria a pessoa:

> O desenvolvimento do discurso da *Antropologia Filosófica* e da dialética que o conduz nos trouxe justamente a essa espécie de última fronteira ontológica da nossa reflexão sobre o homem, na qual a categoria de pessoa se apresenta, tanto na sua procedência histórica como nas suas exigências teóricas, como a mais apta a exprimir toda a riqueza inteligível que se adensa nesse estágio, o mais elevado, da autoafirmação do sujeito. (LIMA VAZ, 1992, p.190).

Para explicar o mistério da pessoa humana, Emmanuel Mounier, porém, não parte de um sistema filosófico, como nos lembra Alino Lorenzon, um de seus mais respeitados estudiosos:

> Ao contrário, o caminho inverso é que foi por ele palmilhado apesar dos obstáculos teóricos e práticos de toda ordem. A pessoa, em todas as suas dimensões e desdobramentos, será o ponto filosófico de referência. Inconfundível com os objetos e com os seres da natureza, cada pessoa é um universo singular e original. (LORENZON, 1996, p.70).

Em sua busca pela expressão do conceito de pessoa, Mounier ainda recorda o seu caráter indefinível:

> [...] as mil maneiras porque eu posso determiná-lo [o meu vizinho] como um exemplar duma classe ajudam-me a compreendê-lo e sobretudo a utilizá-lo, a saber como hei de me comportar quando estou com ele. Não são, no entanto, mais do que facetas fornecidas por cada um dos diferentes aspectos da sua existência. (MOUNIER, 1974, p.16).

Tais considerações permitem evidenciar a existência do que ele chamará de *universo pessoal*, ontologicamente singular e original, que jamais se esgota ou se submete completamente à sistematização e do qual se pode até perceber manifestações, mas nunca atingir a profundidade de seu ser. Isto, porém, não deve desencorajar uma atitude filosófica frente ao problema da pessoa. É o próprio Mounier quem o diz, sob outras palavras:

> Não nos precipitemos, contudo, arrumando-a no reino do indizível. Uma experiência rica, que no mundo se insere, exprime-se por incessante criação de situações, de regras, de instituições. Mas sendo os recursos da pessoa indefinidos, nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a escraviza. (MOUNIER, 1974, p.19).

Finalmente, é preciso sublinhar um traço essencial e fortemente presente na ideia de ser humano personalista, a fim de completar a breve apresentação desta noção particularmente original de condição humana. Esse traço é o que os personalistas chamam de *transcendência* e permanece, inegociavelmente, como elemento essencial da pessoa. Isto significa que, para esta Filosofia, o ser humano é um ser encarnado, sujeito a toda a materialidade que o cerca. Porém, é também dotado da capacidade natural de superar essa realidade, através de uma consciência criadora engajada, que é seu centro de transcendência e que o projeta e o impulsiona no movimento de transformação da mesma realidade; através também de sua capacidade distintiva de conhecimento e de sua capacidade de amar, de ser livre e de superação dos determinismos que o cercam. A este entendimento, tratamos por *transcendência horizontal* – este não é negligenciado nem mesmo pelo materialismo histórico. Existe ainda o entendimento no qual se insere como objeto de estudos a capacidade para a espiritualidade da qual o ser humano é dotado, ao qual tratamos por *transcendência vertical* – o personalismo assegura lugar para as duas compreensões na consideração da transcendência como caráter constitutivo da pessoa.

Mounier argumenta a favor da transcendência, citando o próprio Marx: "o homem é um ser natural, mas um ser natural humano" (MOUNIER, 1974, p. 43) [5] e prossegue afirmando que a pessoa é encarnada, imersa na natureza – e, vale a pena repetir: aqui se aproxima o personalismo de parte do materialismo proposto por Marx, sendo este o motivo pelo qual se evocou a visão marxista do ser humano – e que, ao emergir da mesma, a

[5] Marx citado por Emmanuel Mounier. Cf. Marx, K., *Économie politique et Philosophie*, Coste, p. 78.

transcende. Sem por isso renunciar à transcendência, ele reconhece a complexidade deste caráter essencial da pessoa e a dificuldade no entendimento do mesmo, dentro de uma formulação de ideia de ser humano, ao acenar que "[...] nosso espírito resiste a representar-se uma realidade que seja inteiramente imersa numa outra por sua existência concreta e que, contudo, lhe seja superior pelo nível de existência". (MOUNIER, 1974, p.42)

Um grande mérito do personalismo é a clareza, a precisão, quase palpável, do resultado das reflexões iniciadas não no terreno das especulações demasiado distantes da realidade mesma e sim, no chão da vida do ser humano, partindo, portanto, da sua materialidade, sem desconsiderar que ele seja, no entanto, mais que essa materialidade.

Dois pontos de convergência merecem especial atenção dentro dos objetivos hermenêuticos aqui propostos de identificar as influências oriundas do materialismo histórico na concepção personalista de ser humano. São eles: 1- o conceito de personalização e sua aproximação teórica com a categoria *trabalho* presente na visão de ser humano do materialismo histórico (mas não o trabalho alienado); e 2- a influência da concepção materialista histórica do ser humano no conceito personalista de pessoa.

Primeiramente, faz-se necessário mencionar o conceito personalista de personalização, muito embora seja este o tema do segundo capítulo desta reflexão, pelo qual se exprime basicamente a ideia de que o ser humano traz em si a capacidade para se tornar pessoa e a exigência ontológica de estender o seu universo pessoal a toda a natureza, nas demais esferas que o cercam, imprimindo em tudo isso sentido pessoal:

> A pessoa não se contenta com sofrer a ação da natureza, donde veio, ou com mover-se conforme suas provocações. Volta-se para ela para a transformar e progressivamente lhe impor a soberania dum universo pessoal.
> [...] a exploração da natureza não tem por fim articular sobre um feixe de determinismos um feixe de reflexos condicionados, mas sim abrir, perante a liberdade criadora de um número crescente de homens, as mais altas possibilidades de humanização.
> [...] é por isso que devemos negar a natureza como dado, para afirmá-la como obra, como obra pessoal, suporte de toda a personalização. Então a dependência da natureza torna-se domínio da natureza, o mundo insere-se na carne do homem e no seu destino. E ainda é preciso dar um sentido a esta ação sobre a natureza. (MOUNIER, 1974, p.52-53).

Sendo o trabalho uma categoria sobre a qual a antropologia marxista irá desenvolver sua concepção de natureza humana, dizendo basicamente que é a partir do trabalho que o ser

humano se faz e se afirma no mundo, bem como humaniza o que está ao seu redor, é perfeitamente possível e válido afirmar que haja uma aproximação teórica entre *trabalho* e *personalização* ou até mesmo que esta seja a forma de trabalho mais especificamente humana, a ser realizada pela pessoa, primeiramente em si mesma, e no mundo. Observa-se, portanto, a existência de uma relação íntima entre os dois conceitos, talvez uma relação embrionária, na qual o conceito personalista se mostra como um desenvolvimento, uma sofisticação da categoria marxista, no caso.

Em segundo lugar, é perfeitamente possível afirmar também que o personalismo tenha sido influenciado em larga escala pelas concepções materialistas apresentadas pelo marxismo, no que diz respeito à concepção de ser humano que o primeiro apresenta de maneira original e peculiar através do conceito de pessoa, naquilo que traz de dados materiais admitidos como essenciais nesse conceito, apesar da consideração adicional de assegurar lugar ao dado da transcendência vertical, que é negligenciado pela antropologia marxista.

Assim, emerge com clareza o outro ponto de convergência principal das duas maneiras de pensar a humanidade: "[...] nada há em mim que não esteja imbuído de terra e de sangue" (MOUNIER, 1974, p. 40), bem como o ponto de divergência que leva o personalismo numa direção diferente, senão oposta ao marxismo: a consideração do dado essencial da transcendência, o que, de maneira alguma encerra o diálogo, sempre buscado pelos teóricos personalistas com a teoria marxista e com outras posições filosóficas.

Com efeito, adversamente ao marxismo, Mounier considera que a omissão, mesmo que seja apenas de parte deste caráter (a transcendência) na concepção de ser humano e a desconsideração teórica e prática da existência da consciência criadora e da imprevisibilidade da pessoa, trariam como consequência teórica o encerramento do ser humano nas vicissitudes e determinismo naturais, sem possibilidade de verdadeira liberdade e, no campo prático, a impossibilidade de personalização para o ser humano.

Concluindo, pode-se afirmar que ambas as filosofias admitem caracteres ou elementos materialistas na concepção de ser humano e de natureza ou condição humana que procuram formular e que, como já foi dito, o personalismo não vê problemas em admitir as influências do materialismo em sua ideia de ser humano, muito embora não encerre jamais a pessoa puramente em seus dados materiais.

Com efeito, o personalismo não tem a intenção de propor, a partir do nada, uma nova ideia de ser humano, desconsiderando os avanços históricos a esse respeito, mesmo quando questiona a ideia atual que se tem a respeito do ser humano. Sua intenção, ao trazer para os meandros do conceito de pessoa o *realismo trágico* do ser humano, ou seja, essa imersão de um ser capaz de transcendência na natureza e no mundo, não é outra que a de devolver a ele sua liberdade criadora diante do feixe de determinismos que o cerca, em cada particular e como comunidade universal, que lhe fora roubada por uma antropologia de matizes por demais materialistas e também positivistas, num momento, ou demasiado subjetivistas e idealistas, noutro.

Mounier rechaça com veemência toda polarização, toda tentativa de prender a pessoa, seja em seus elementos materiais, seja na mistificação de seus caracteres espirituais. Ele chega mesmo a lamentar:

> Parece, pois, que aquilo a que se podia chamar a revolução socrática do século XIX, ou seja, o assalto contra todas as forças modernas de despersonalização do homem, se separou em dois ramos: um deles, através de Kierkegaard, chama o homem moderno, deslumbrado pela descoberta e exploração do mundo, À consciência da sua subjetividade e da sua liberdade; o outro, através de Marx, denuncia as mistificações a que o conduzem estruturas sociais enxertadas na sua condição material, e lembra-lhe que o seu destino não depende somente do seu coração, mas das suas mãos. Lamentável separação! (MOUNIER, 1974, p.31).

Este estudo sustenta que a ideia de ser humano que se tem, em cada espaço-tempo, é responsável pela direção histórica do ser humano que acontece nesse mesmo espaço-tempo. Destarte,

> [...] o único meio eficaz para dirigir a história é analisar o movimento da história dentro de uma experiência vivida e progressiva. Este é um ponto de onde o realismo personalista se aproxima muito do método marxista, de seu esforço para limpar (despejar) os problemas históricos do *'a priori'* e para soldar o conhecimento à ação. (MOUNIER, 1956, p.46).

A situação atual da comunidade humana tem relação direta com a ideia que nela se tem do ser humano, neste tempo. Mudando esta visão é que se mudará qualquer coisa nesta realidade objetiva. Mas não se trata de uma mudança meramente teórica e sim, de uma revolução do ser humano todo. Fica claro também que essa mudança não se atém meramente aos aspectos materiais do ser humano e de sua realidade. Para Mounier, “a Revolução moral

será econômica ou não será. A Revolução econômica será 'moral' ou não será nada". (MOUNIER, 1956, p. 20).

2.2 Personalismo: uma utopia?

Falar de personalização, desse desejo que se tem para o ser humano, desse *telos*, parece, para alguns, ser o mesmo que falar de utopia, no sentido fraco do termo. Por esta razão, não raras vezes o personalismo recebe a acusação de ser utópico, de propor o irrealizável. Mas o utópico não constitui nenhum problema, desde que se deixe claro qual o significado de utopia, para esta reflexão. Se aqui aparece, o termo não tem outro significado que aquele atribuído por filósofos como Ernest Bloch, por exemplo: é tão somente uma concepção teórica contrária ou crítica ao *status quo*, num primeiro momento, e uma pré-consciência [6], num segundo.

Quando se tem por tema uma sociedade utópica, a maioria dos pensadores resiste a tal ideia, apressando-se em encontrar erros e impossibilidades nesses modelos novos, como se o modelo atual fosse isento destas mesmas ervas daninhas. Uma possível causa dessa resistência seria que, quase sempre, se pensa a realidade como se sempre tivesse existido da maneira como se encontra, de maneira estática e definitiva, desconsiderando os processos efetivados, muitas das vezes, por ideias que já foram, inclusive, consideradas utópicas.

Menos profícuo ainda é o pensamento de que, para que a realidade utópica em questão passe a existir, se precisasse abrir mão de tudo o que já se logrou em matéria de avanço e de evolução. A utopia na qual Mounier acredita é bem diferente:

> Eu acredito na utopia, não aquela na qual a gente se evade, mas naquela em que nos projetamos com uma vontade de ferro. Cedo ou tarde, esta força produz o seu fruto. (MOUNIER, Emmanuel, 1946, p.828).

Na verdade, não é preciso – nem mesmo possível – pensar novos modelos que existam completamente independentes dos antigos. Neste ponto, não há como fugir dos tons hegelianos, em seu clássico exemplo da flor e do fruto: se o utópico não tiver relação de compromisso com o real-atual, ao menos no sentido de intenção de modificação; se não

[6] Para uma melhor compreensão do termo, vide BLOCH, Ernst. *O Princípio da Esperança*. Tradução: Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro. Editora Contraponto. p. 115 a 176. 2005

houver essa ligação e uma ação de realização, não passará de idealismo infértil e esta seria, justamente, a fraqueza dos idealismos.

Desta forma, pode-se compreender a atitude mounieriana de acreditar na utopia como uma sempre necessária revisão da atuação da pessoa em sua existência, como uma proposição de catarse que a desinstalaria de suas comodidades e produziria uma crise na qual ela se possa superar, pois "tudo que concerne ao homem só se desenvolve por crise, onde a negação deve ser total para que o renascimento seja mais surpreendente". (MOUNIER, 1956, p.81).

Desta maneira é que o personalismo poderia aceitar o predicativo utópico – e de nenhuma outra: como pensamento que busca possibilidades e alternativas, tentando oferecer alguma contribuição para o hoje e para o depois de hoje, afirmando sempre a liberdade criativa do ser humano, que se personaliza a partir do exercício da escolha, da resistência ou da inventividade criadora de possibilidades não dadas pelo mundo-tempo, diante de cada fato, como particular, e da história da comunidade humana; diante de cada fato que afeta à pessoa e, aqui, dizer da afecção de cada fato à comunidade é mera redundância, já que a pessoa é-com, e somente com, a comunidade, primeiramente as mais imediatas e, inevitavelmente, depois, com a totalidade da humanidade.

Seguindo esta linha de raciocínio, ou seja, motivado a propor uma revisão da ideia de ser humano, o recorte deste estudo se propõe uma aproximação da ideia de ser humano que o conceito de pessoa representa. A construção realizada acima em torno da realidade atual, do utópico, aparentemente no aspecto político, tem na verdade a intenção de tratar do movimento de personalização, em cada ser humano e naquilo que o cerca, que ele, como um verdadeiro rei Midas que a tudo que toca confere o valor do ouro, tem a possibilidade de realizar. Quiçá pudéssemos eliminar, do referido mito e da História, do mundo, do agora, a consequência de tornar estátua – que nada mais é que figura da morte – que se segue ao toque da humanidade. Essa forma de compreender o ser humano – a pessoa – só é possível a partir de toda a evolução conceitual histórica da ideia de condição humana. Que não se permita que se esqueça disso.

2.3 Pessoa e Ser Humano

A pessoa é como o artista, que passa ao público a verdade do personagem interpretado com tanta convicção do efeito de sua arte, que passa despercebido em sua 'verdade debaixo da verdade que apresenta' e que somente ela conhece, em seu universo de possibilidades de realidade. E se o fenômeno é apenas a parte do ser a que se tem acesso, resta ainda o problema de determinar ou identificar a natureza e os limites desse acesso. Desta forma, cada pessoa parece guardar algo de misterioso, de incomunicável, apesar de toda a vontade de fazê-lo que cada ser humano experimenta. Talvez seja este o motivo pelo qual Mounier hesita em dar uma definição de pessoa que coubesse num conceito, pois, permanecendo sempre aberto, manteria o caráter que mais salta aos olhos deste fenômeno: a capacidade de sempre superar-se a si mesmo que só o ser humano possui, e que lhe é negado pela ideia de ser humano baseada no individualismo, no trabalho, no ego-racionalismo e outras.

Ser pessoa significa viver todo o possível a si e transcender sempre este limite, levando em consideração os compromissos assumidos por cada particular e como comunidade – os valores são exemplo desses compromissos e, vale recordar a inspiração cristã da Filosofia sobre a qual se discorre, para fortalecer o exemplo –, pois "a aspiração transcendente da pessoa não é agitação, mas negação de nós próprios como mundo fechado, isolado sobre o seu próprio brotar. A pessoa não é o ser, é movimento do ser para o ser, e não é consistente senão no ser que visa". (MOUNIER, 1970, p.128).

Ser pessoa está na ordem da escolha, da liberdade. Significa arcar com exigências que custam alto preço, que nem todo ser humano está disposto a pagar. Por isso, nem todo ser humano será pessoa, já que tal condição deve ser escolhida livremente e, mais que isso, conquistada dia a dia e mantida. Mounier dirá que "a maioria dos homens prefere a escravidão na segurança ao risco, na independência, a vida material e vegetativa à aventura humana". (MOUNIER, 1970, p.107). Estas palavras podem corroborar muito bem com a ideia proposta acima, de que nem todo ser humano escolherá ser pessoa, caso se entenda a pessoa como expressão máxima da aventura humana, ao que se acrescenta que poderia ser muito breve e insignificante o aparecer de cada ser humano, considerado em sua existência particular desconectada da comunidade humana, se o possível a cada um não fosse mutável, passível de melhora e de evolução.

Mas, de que maneira se pode dizer que algo é melhor? Como sustentar que é melhor ser pessoa que ser humano, que mero ser? Segundo que critérios pode-se fazê-lo?

Parece que ser pessoa seja algo natural ao ser do ser humano – e somente dele – ao menos como possibilidade. Os dizeres de Celeste Natário, em seu artigo *Homem e Pessoa: trânsito e recurso*, vêm de encontro a uma possibilidade de resposta para estas perguntas: "O uso deste termo é correto porque a pessoa humana é também o ser humano, embora com o termo "pessoa" se designe algo mais do que o ser humano, algo que só se encontrará para lá do ser humano." (NATÀRIO, 2007, p.37-41). Mas a pessoa é também da ordem do mistério, do acontecimento (fenômeno!) do eternamente mutável, e por isso mesmo, até mais sagrado que um eterno-imutável. Permanece, por esta razão, nunca reificável, nunca suficientemente apreendido, nunca suficientemente explicado:

> O erro consiste em querer realizar o absoluto no relativo, nunca em pensar o relativo sobre (o pano de) fundo do absoluto, a fim de que o relativo conserve uma grandeza que cede infalivelmente ao ficar abandonado a si mesmo. A história não é uma relatividade que nasce a cada instante, que morre a cada instante, mas o semblante sempre novo, sempre fiel, de um absoluto que, ao mesmo tempo, esclarece do alto o rio de Heráclito e mistura sua luz com suas águas movediças.
> Sem dúvidas, este absoluto (e aqui nos reunimos com a grande tradição que liga a Dionísio o Aeropagita com São João da Cruz, Pascal, Kierkegaard e Kafka) é um absoluto oculto. É incomensurável para o mundo, tal como está. O atraímos para nós pelo esforço que fazemos em direção a ele mais que pelas representações que dele nos damos, sempre imperfeitas, às vezes grotescas. (MOUNIER, 1956, p.27-28).

Assim, nenhuma das realidades humanas pode ser desconsiderada na tentativa de compreensão e formulação de uma visão mais total da de ser humano, chamada aqui de pessoa, que, talvez um dia, possa ser até mesmo superada, já que, como diz Mounier, citando Nietzsche, "[...] o homem está feito para ser superado. Mas jamais se o supera por algo que é menos que ele, e todo impessoal é menos que o homem". (MOUNIER, 1956, p.129).

Pessoa é superação.

CAPÍTULO III - RELAÇÃO ENTRE PESSOA E DIGNIDADE HUMANA

A conclusão do capítulo precedente levou esta reflexão à possibilidade da proposição de que o ser humano traria em si o germe da pessoa, ou seja, um *telos* de personalização, experimentado em cada ser humano particular; experienciado também como comunidade; e, ainda, direcionado à sua relação com a natureza, ou, nas palavras de Emmanuel Mounier, uma vocação:

> Minha pessoa é em mim a presença e a unidade de uma vocação atemporal, que me exorta a superar-me indefinidamente a mim mesmo, e opera, através da matéria que a reflete, uma unificação sempre imperfeita, sempre começada de novo, elementos que se agitam em mim. A missão primeira de todo ser humano consiste em descobrir progressivamente essa cifra única que assinala seu lugar e seu dever na comunicação universal e em consagrar-se, contra a dispersão da matéria, a esse reagrupamento de si mesmo. (MOUNIER, 1975, p.67).

Destas ideias derivam-se duas consequências, sendo a primeira, a afirmação da diferença teórica entre *ser humano* e *pessoa*, que será examinada neste momento. Tal diferença se sustenta a partir do entendimento da pessoa como *telos* do humano, como o aparecer total do fenômeno humano, como realização máxima da condição humana e apenas neste sentido, já que, como é evidente em toda a obra de Mounier e de outros autores personalistas, o termo pessoa é já usado para designar o ser humano, mas também e mais agudamente para designar algo que está além de sua condição natural dada e que somente ele pode alcançar, ou, melhor dizendo, pode construir, conquistar e, necessariamente, deverá manter.

Para evidenciar de forma mais precisa tal diferença teórica entre ser humano e pessoa – que aqui é proposta unicamente para o entendimento da condição pessoal como um *telos* da condição humana – evocar-se-á, aqui, primeiramente, a história do vocábulo *pessoa* e a trajetória de sua significação. Apesar de parecer uma pretensão especificamente filológica, o que se busca aqui é, tão somente, a significação genérica mais antiga possível do termo para, a partir daí, elaborar uma análise de sua significação específica para o Personalismo. Esta análise lançará alguma luz sobre a questão do ser humano e de seu *telos* de personalização, pois "o valor representativo do termo *pessoa* denota uma particular característica, que é posta em destaque ao examinarmos a sua origem etimológica". (NATÁRIO, 2007, p. 37-41).

Emmanuel Mounier afirma que a pessoa se faz aparecer, ela se expressa, se mostra – é, neste sentido, fenômeno, foi dito acima. Muito embora se admita que haja uma parte sua que não se deixa revelar, ao menos não completamente, “a pessoa expõe-se, exprime-se: faz face, é rosto. A palavra grega mais próxima da noção de pessoa é *prósopon*: aquele que olha de frente, que afronta”. (MOUNIER, 1974, p.98).

A palavra *persona*, por sua vez, “que significa avolumar a voz, assim provocar ressonância” (NATÁRIO, 2007, p. 37-41), é o termo latino mais próximo da noção de pessoa: "De início chamou-se de "pessoa" a máscara que usavam os atores, dotada de um dispositivo para amplificar a voz (em Latim: "per-sonare")". (MONTORO, 1971, p.299). Depois, a designação estendeu-se aos atores e aos personagens, passando em seguida, do teatro para a vida, onde cada pessoa representaria um papel social, como o de pai, mãe, patrão ou empregado, por exemplo.

Existe também o termo etrusco *phersu*, que traz, como no grego *prósopon* e no latim *persona*, a mesma significação que aponta para o uso das máscaras teatrais pelos atores no teatro antigo – significação que teria evoluído para o da designação do humano e, posteriormente, do particular.

Assim, pensando na etimologia da palavra pessoa, chega-se por diversas vias, quer gregas ou latinas, à palavra que alude à personagem no teatro, e se nesta atividade eram representadas as figuras consideradas importantes e famosas (deuses, semideuses, heróis, reis, etc.); e se esses mesmos personagens eram como que uma imagem de ser humano, quase um exemplo a ser seguido ou evitado, não é difícil sustentar a ideia de que a pessoa possa ser entendida, também, como um *telos*, da maneira que aqui se propõe. Contudo, o que poderíamos afirmar com certeza é que, “tendo em consideração quer o sentido usual e comum de "pessoa", quer o seu sentido etimológico, sempre se põe em relevo que significa o homem, mas possuindo um rasgo peculiar, uma dignidade que o distingue de outros seres”. (NATÁRIO, 2007, p. 37-41).

Num segundo momento, ainda tratando da primeira consequência, ou seja, da diferença teórica aludida entre *ser humano* e *pessoa*, aparecerá o problema da dignidade humana, sobre o qual também se haverá de ponderar minimamente, na medida em que esse tratamento interesse a esta reflexão, dentro dos objetivos específicos pretendidos, ou seja, buscar-se-á, também e tão somente, quanto ao tema da dignidade humana, sua significação

genérica mais antiga para, a partir daí, elaborar uma análise de sua significação específica para o Personalismo.

Dizer da dignidade humana constitui, na verdade, um atalho para o necessário enfrentamento da questão da natureza humana, ou daquilo que constitui propriamente o humano, face a outras naturezas. A ligação com o tema da pessoa se torna evidente na medida em que se sustenta o axioma de que somente o ser humano traz, dentre as suas possibilidades, a realização da pessoa.

Acentuada, então, esta diferença teórica entre o ser humano e a pessoa (o ser humano possuindo o tal "rasgo peculiar"), chega-se à seguinte questão, cujo enfrentamento torna-se inadiável, a esta altura: a da dignidade humana e a sua relação com o conceito de pessoa. Poderia ser posta da seguinte forma: há uma dignidade humana e uma dignidade, diferente da primeira, que viria do fato de o ser humano vir a ser ou não ser pessoa? Ou, antes ainda, aquela que mais importa a esta investigação: todo ser humano é pessoa?

Tratando desta questão, pode-se dizer que o conceito habitual de dignidade humana passou e passará por tantas transformações quantas foram e vierem a ser as transformações da ideia de ser humano. Parece haver uma ligação de interdependência entre esses dois conceitos e esta é a razão pela qual o tema da dignidade humana se torna presente. Mas será de bom tom recordar que o objetivo, aqui, é menos de conceituar *dignidade humana* do que acompanhar a trajetória das suas transformações, acima mencionadas, pois ela acaba coincidindo, por sua vez, com a própria trajetória da noção de pessoa:

> Foi na Grécia, especificamente em Atenas, que pela primeira vez a lei escrita seria base da sociedade política, isto é, havia um mecanismo que garantia igualdade para todos os cidadãos, sendo a igualdade o fator primordial para se chegar à dignidade humana. Contudo, [...] não se pode ignorar o fato de que poucos indivíduos eram considerados cidadãos, sendo necessário que preenchessem diversos requisitos para pertencerem a essa posição, ou seja, o direito não protegia quem estivesse fora desse grupo seleto, não havendo espaço para se falar em direitos dos escravos, por exemplo. (RUIZ e SILVA, 2016, p.901).

Mesmo sabendo que, na Antiguidade Clássica, mesmo em Atenas, bem poucos tinham sua individualidade reconhecida, é importante reconhecer aí traços originais de presença do conceito de dignidade humana, ainda que de maneira embrionária:

> Desse modo, mesmo que de forma modesta, tem-se a criação de conceito em que a individualidade e a liberdade do ser humano são reconhecidas, sendo que admitir a existência desses atributos é um passo inicial no sentido de atribuir características ao ser humano, diferentes dos demais seres vivos. (RUIZ e SILVA, 2016, p.902).

Aos gregos, ou à Antiguidade, interessa, sobretudo, o sentido da *polis* e da família. O cidadão ateniense, aquele que muitas vezes é apontado como o primeiro protótipo de indivíduo da História, ainda é uma construção impessoal e por demais genérica dentro da ordem imóvel que rege a natureza e as ideias, no mundo clássico. Mounier irá afirmar (MOUNIER, 1974, p. 23) que o "conhece-te a ti próprio" de Sócrates é a primeira grande revolução personalista conhecida, a primeira vez em que se coloca em evidência no pensamento a necessidade de se pensar a pessoa.

Saindo do período clássico para o medieval, observa-se o deslocamento da dignidade humana, indo da individualidade e liberdade reconhecidas até então, para os meandros do teocentrismo cristão, que era o forte imperativo do pensamento de época sobre todos os temas e, portanto, também o que está sendo discutido:

> Quando se trata da dignidade da pessoa humana, com o sentido atribuído atualmente, considera-se o monoteísmo hebraico como o ponto inicial, uma vez que as ideias centrais que estão no núcleo do conceito de dignidade humana são vistas no Velho Testamento, a Bíblia Judaica, em que se afirma que Deus criou o ser humano à sua própria imagem e semelhança [...].
> Neste contexto, estão presentes no cristianismo elementos de individualismo, igualdade e solidariedade, que serviram de base para o desenvolvimento do conceito de dignidade da pessoa humana.
> Assim, nos ensinamentos cristãos, o homem é o único ser querido por Deus em si mesmo, já que foi o único criado em sua imagem e semelhança, fazendo com que sua individualidade não seja um problema, mas sim uma perfeição do ser, [...] o Homem é imagem de Deus porque é pessoa, como Deus é pessoa. Por outras palavras, sem imagem de Deus é ser um ser pessoal. (RUIZ e SILVA, 2016, p.903).

Assim, a Idade Média, no auge do obscurantismo a ela normalmente atribuído – injustamente, diga-se de passagem[7] –, deixa ao ser humano a dádiva de um conceito presente nas mais modernas formulações do pensamento humano:

[7] Para mais esclarecimentos a respeito desta crítica ao senso comum sobre a Idade Média, ver a obra *Idade Média: o que não nos ensinaram,* de Régine Pernoud, Livraria Agir, 1979.

> A aplicação da noção de pessoa ao Homem é também uma conquista cristã. Pela primeira vez na história da antropologia, pessoa aparece como resposta e não como termo interrogativo. Dando ao conceito um sentido ontológico e aplicando o mesmo à realidade divina, estavam abertas as portas para que o termo persona surgisse como verdadeira resposta à pergunta o que é o Ser humano e não como mera distinção de um concreto face ao universal, como na antropologia antiga. (RUIZ e SILVA, 2016, p.904).

Todavia, mesmo com tais "portas abertas", é forçoso admitir que o ser humano preferiu outros caminhos para responder àquela pergunta, como se verá adiante, quando esta discussão se ocupar da ideia de ser humano e da ideia de dignidade humana que surgirão na Renascença[8].

Para Mounier, porém, a dignidade humana parece ter relação direta com a possibilidade, da qual somente o ser humano goza, de vir a ser pessoa. A pessoa é integral, não é somente corpo, nem somente espírito. E é capaz de transcendência; é também irrepetível. Só uma condição que resguarde a possibilidade de desenvolvimento e fruição da plenitude de suas possibilidades será, para o filósofo de Grenoble, uma definição suficiente de dignidade humana. Observa-se este posicionamento, de maneira bem clara, quando de suas afirmações[9] a respeito da necessidade de se repensar, por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos[10]:

> Mounier irá se aproximar de uma visão ôntico-valorativa do direito e sua ética se adéqua no modelo de ética teleológica, o que o leva a considerar os Direitos Humanos como legítimos porque assentados na dignidade da pessoa humana. E até aqui a posição de Mounier não difere da proposta das primeiras Declarações, pois como vimos, a anterioridade da ética e da moral em relação ao direito e também a referência a dignidade humana são aspectos também acolhidos pelos elaboradores das primeiras Declarações dos Direitos. Destacar estes pontos em comum é importante para entendermos que Mounier não rejeita as declarações. É importante destacar

[8] Destacamos aqui o texto *Discurso sobre a Dignidade Humana*, 1486, de Giovanni Pico Della Mirandola, que, embora imbuído de maneira inevitável do espírito de época na qual foram escritos – e esse espírito engendre o individualismo, inimigo da pessoa, para o Personalismo –, ressalta o caráter inacabado e indefinitivo da condição humana, ideias caras ao conceito de pessoa proposto por Mounier.

[9] O entendimento de Emmanuel Mounier sobre a Declaração Universal dos Direitos humanos foi expresso em texto de sua co-autoria, preparado em conjunto com outros membros da *Esprit*, e publicado na mesma revista, a *Declaração dos direitos das pessoas e das comunidades*, textos encontrados em *A Emergência e a Insurgência da Pessoa Humana na História*, dissertação de Mestrado de Daniel da Costa, 2009.

[10] A respeito da questão de Mounier e os Direitos Humanos, esclarece-se que o autor admite que representam grande avanço. Porém, não deixa de tecer severa crítica às influências do individualismo nas Declarações. Para mais informações sobre o tema, vide *A Emergência e a Insurgência da Pessoa Humana na História*, de Daniel da Costa, 2009.

> que por trás do surgimento das Declarações dos Direitos está todo um movimento ascendente (embora não completamente retilíneo) de reconhecimento da dignidade da pessoa humana como um valor fundamental**. Sem dúvida que o surgimento de uma declaração conjunta que afirme esta dignidade e a cumule de direitos é um momento ímpar da afirmação deste valor como irrenunciável, principalmente com a positivação destes mesmos direitos nas legislações constitucionais. Mounier não vai negar isto, mas alertar para elementos complicadores que marcaram a gênese das Declarações. Para ele, apesar delas marcarem uma intuição profundamente feliz, a dignidade da pessoa humana como um valor irrenunciável, elas são comprometidas com outros valores ou ideologias que as fragilizam e dificultam a sua efetivação; leia-se aqui especialmente o individualismo. (ROCHA, 2011, p. 79).

Depurar as bases da dignidade humana dos laivos do individualismo: tal sofisticação, proposta por Mounier no arranjo das características próprias do ser humano, que resultarão na sua ideia de dignidade humana, representa uma retomada da ideia, interrompida pela noção neoliberalista de indivíduo, presente no conceito de pessoa, que ressurge como uma possibilidade, como promessa mais profícua que a sua alternativa, infelizmente erigida como base da sociedade: o indivíduo.

3.1 Pessoa e indivíduo

A segunda consequência da constatação do *telos* de personalização do ser humano é a necessidade de se admitir que existam tipos, ideias diferentes de humano ao longo da História, e que todas elas são ao mesmo tempo fruto e condição de realização do humano, em cada tempo. Mas o ser humano não está pronto. E tal ideia ou projeto, é dinâmico (ou deveria ser), nunca estático ou definitivo, pois o ser humano também não é assim.

A ideia de ser humano que se tem numa época traça caminhos e finalidades para ele mesmo. Portanto, contribui, ainda que não determine completamente, para o devir desse habitante do universo.

Seguindo esta linha de raciocínio, cabe perguntar, então, sob qual ideia, sob qual projeto de ser humano, os homens e mulheres no século XXI têm vivenciado sua breve existência. E, também, se esse projeto é o que melhor lhes assegura possibilidade de plenitude, em todos os âmbitos de sua vida. Segundo Mounier, não resta dúvida de que o projeto elegido, o tipo de ser humano que existe agora, a ideia vigente, é a do indivíduo como a entendemos hoje, que tem suas raízes na Renascença.

A trajetória do conceito de dignidade humana – da qual se fez menção no tópico anterior, propositadamente deixado com aparência de inacabado para ser encerrado agora com esta conclusão – passa por esse momento, ou, melhor dizendo, é fruto da ideia de ser humano "iluminada, esclarecida". E tal lembrança se faz necessária:

> [...] A concepção burguesa de tipo individualista tem sua origem na Renascença. [...] Nela residia um prurido de exigências da pessoa. Mas logo desnorteou-se para uma concepção do indivíduo tão estreita que trazia em si mesma desde o ponto de partida, seu princípio de decadência. (MOUNIER, 1967, p. 17).

Através do que parece ser uma escavação em busca da gênese do indivíduo, o filósofo personalista identifica esse momento com a ascensão do que ele irá chamar de "espírito burguês". Ao dizer isto, não se pode esquecer que Mounier se dedica à luta contra o espírito burguês, e não contra a burguesia simplesmente, como nos lembra Candide Moix, comentando esta posição do filósofo:

> O espírito burguês é o coração deste mal, diz Mounier, espírito feito de avareza, indiferença para com outrem, reivindicação. O individualismo é dele a raiz, este isolamento teimoso e egoísta; [...]. O espírito burguês encontra-se em todos os meios. Nascido de uma classe, acabou atingindo, mais ou menos profundamente, todas as camadas da sociedade. Ele criou um tipo de humanidade: o burguês. A propósito, Mounier escreveu: "hoje, dizia Peguy, há já trinta anos, todo o mundo é burguês. Do homem de dinheiro, a lepra alcançou o comerciante, o operário, o artesão, o homem do interior, a família tradicional, o novo rico. Em todas as classes, ele deixou áreas de saúde, mas em todas as classes fez seus estragos. A burguesia, como os outros, comporta zonas intactas. Mas foi a burguesia, no final das contas, que começou". (MOIX, 1968, p.73).

Pode-se seguir os passos de Moix, ainda uma vez, para, através de uma longa, mas necessária citação, continuar com sucesso o empreendimento de compreender a identificação proposta por Mounier, do espírito burguês com o indivíduo- individualismo:

> É portanto, à história desta decadência que se ateve Mounier, para remontar às origens do espírito burguês.
> Mal conquistara suas franquias no século XII, a burguesia libera-se das servidões materiais pelas suas conquistas do comércio e da indústria. Mas já busca sua segurança nas carreiras de funcionários e de magistrados do rei. Do século XIV ao século XVI, cria a venalidade, depois a hereditariedade

> dos cargos asseguram os postos de refúgio. [...] ele "usa largos punhos bordados e, talha suas penas de escrever, adquire um espírito de tabelião e não pensa noutra coisa, senão em se distinguir daqueles que trabalham com ferramentas". A partir do século XVII ele proclama o primado do dinheiro sobre o trabalho. A burguesia continua sendo ainda religiosa, ainda tem filhos. Mas os deixará cair. O século XVIII assiste ao desmoronamento da religião.
> A Revolução de 1789 é uma revolução burguesa. A Declaração dos Direitos consagra o individualismo.
> [...] Vem a Restauração. A união entre a burguesia e a Igreja é apenas aparente. Eis que surgem as primeiras perturbações populares. Abala-se todo o belo edifício: "Até então voltairiana, a burguesia perde a cabeça. Esquecera o Deus arquiteto nas delícias da construção. Volta ao Deus intendente para manter a ordem dos escalões sociais, sugerindo aos mais inquietos a moderação e a resignação". O burguês teve medo; volta a ir à missa. Muito mais para conservar seus privilégios e não atrair sobre si a cólera do povo, a burguesia difunde na massa sua mística do conforto. Desde 1848 a decadência só vem acentuando-se.
> A época individualista conheceu, de início, um período heróico. Criou tipos viris e notáveis que fizeram romper os limites do homem. O capitalismo deu aos burgueses grandes possibilidades de aventuras e de conquistas abrindo-lhes todos os continentes. Mas a riqueza amorteceu as coragens: abriu-se a era das facilidades. Os valores do conforto substituem os valores de criação: o ideal individualista perdeu sua coroa! E abriu o caminho, nas classes dirigentes, inicialmente, depois, por descidas sucessivas, até às classes populares, a este espírito que nós chamamos burguês por causa de suas origens [...].
> O individualismo é uma decadência do indivíduo porque, em primeiro lugar, ele o aviltou, depois o isolou. O ideal pessoal abateu-se pela dissociação do espiritual e do material. A deslocação da comunidade é a consequência do isolamento do indivíduo.
> O burguês é aquele que se separa, que faz sua "salvação" sozinho. Para ele é o sucesso individual que conta, quando uma comunidade só existe pelo dom recíproco dos seus membros. Neste clima de arrivismo, o homem é um nada para o homem, a reivindicação, a avareza, a indiferença para com o outro, a ferocidade sorridente, ocupam o lugar das virtudes. O individualismo é o reino do egoísmo social. As sociedades de tipo burguês não passam de indivíduos ampliados. Este espírito burguês, Mounier o denunciou como o inimigo temível do espírito comunitário.
> Resta caracterizar este novo tipo de humanidade tão difundido. O burguês é, antes de tudo, o homem que perdeu o senso do Ser. Fez para si um mundo à sua medida, sem mistério, [...] porque só participa de si mesmo. (MOIX, 1968, p.73-76).

A citação desta arqueologia do individualismo, realizada com esmero por Moix, que costura fragmentos e afirmações de Mounier ao longo de vários escritos, cartas e publicações

da revista Esprit[11], abre um campo de visão amplo o bastante para compreender a oposição radical do personalismo à mediocridade e estaticidade do indivíduo moderno e contemporâneo. Ainda assim, é preciso situar o individualismo com maior amplitude: "Não se trata somente de uma moral. É a metafísica da solidão integral, a única que nos resta quando já se perdeu a verdade, o mundo e a comunidade dos homens". (MOUNIER, 1975, p. 42).

O individualismo, que coloca o indivíduo – com suas garantias e reivindicações, com seu egoísmo e solipsismo, sua preocupação com o bem estar somente de si mesmo – no lugar da pessoa, retira da ideia de ser humano atual a liberdade criativa e a responsabilidade, a conexão com o universo e com os outros homens; retira até mesmo sua particularidade, lançando-o ao absurdo, preparando um mundo de autômatos padronizados e o paralisa numa espécie de embotamento conformado, como se já não pudesse ser de outra maneira, como se não pudesse mais se superar:

> O individualismo tem posto no lugar da pessoa uma abstração jurídica sem vinculações, sem tecido, sem entorno, sem poesia, negociável, entregue às primeiras forças que chegam. O capitalismo tem chegado a esse não-ser com sua medida monótona, o dinheiro, seus sentimentos já prontos, sua imprensa já pronta, sua educação já pronta, seu jurismo de quartel e, por trás da máscara dos velhos ideais, tem levado a desordem até a pior tirania, a tirania anônima que solda um magma de almas sem cor e sem resistência. (MOUNIER, 1975, p. 68).

Vê-se bem que Mounier identifica como um mal de proporções intangíveis o fato de ter o ser humano erigido todo um sistema, toda uma ética, toda uma economia, enfim, toda uma maneira de existir que tem por base o indivíduo, ou melhor, o individualismo. Mas a pessoa não é o individuo e não será possível um mundo de pessoas sem que se ouse modificar esta base, colocando em seu lugar, outra maneira de existir:

> Minha pessoa não é meu indivíduo. Chamamos de indivíduo a difusão da pessoa na superfície de sua vida e a complacência que demonstra em perder-se nela. Meu indivíduo é essa imagem imprecisa e mutável que oferecem por sobreimpressão os diferentes personagens entre os quais eu flutuo, entre os quais me distraio e me diluo. Meu indivíduo é o gozo avarento desta dispersão, o amor incestuoso de minhas singularidades, de todo esse desenvolvimento precioso que não interessa a ninguém além de mim mesmo. É também o pânico que me acomete ao mero pensamento de desligar-me

[11] Para mais informações a respeito dos fragmentos reunidos por Moix, consultar as notas ao fim do capitulo "O Espírito Burguês", na obra referenciada ao fim da citação precedente.

> dele, a fortaleza de segurança e de egoísmo que se constrói ao redor para garantir sua segurança e defendê-lo contra as surpresas do amor. É, enfim, a agressividade caprichosa ou altaneira com a qual tenho revestido, a reivindicação erigida de modo essencial da consciência de si e a consagração ao mesmo jurídica e metafísica que se lha tem conferido, no Ocidente, a Declaração dos Direitos Humanos e o Código Napoleão. (MOUNIER, 1975, p. 65).

Assim, após se terem contornado alguns obstáculos e procedido ao enfrentamento de algumas questões que se mostraram obrigatórias, como a arqueologia da pessoa, realizada através de um recurso a dados etimológicos e históricos; a diferença teórica entre ser humano e pessoa; a trajetória do conceito de dignidade humana, em sua ligação íntima e interdependência com a ideia de ser humano presente em cada período histórico mencionado, naquilo que este conceito traz de contribuição para pensar a pessoa; e o entendimento preciso da oposição indivíduo-pessoa, chega-se ao ponto central desta reflexão: a análise do movimento de personalização necessário ao ser humano para que este atinja aquilo que Emmanuel Mounier chamará de "volume total do homem [...], um equilíbrio em longitude, largura e profundidade" (MOUNIER, 1975, p. 67): em outras palavras, a pessoa.

3.2 Personalização: etapas e caminhos

Em sua obra *O Personalismo*, Mounier inicia suas reflexões descrevendo as *estruturas do universo pessoal*. A maioria dos filósofos personalistas que vieram depois de Mounier e, igualmente, seus principais comentadores, descrevem o processo de personalização a partir da análise do que eles chamam de *três dimensões da pessoa*, já que propõem que "reconhecemos o ser da pessoa pelas marcas que ela deixa por onde passa, e as principais marcas são a encarnação, a comunicação e a vocação". (ROCHA, 2011, p.44). Esta atitude, porém, parece mais acertada no caso de uma procura pela pessoa, propriamente, como objeto de pesquisa. No caso desta reflexão, o objeto de pesquisa é outro: o processo de personalização, propriamente dito. Por esta razão, seguir-se-á o caminho do filósofo de Grenoble mesmo, ou seja, a via da análise das estruturas do universo pessoal, percorrendo essas mesmas estruturas, porém, não mais descritivamente, como ele realizou, mas como um caminho ou roteiro para a personalização, ou como um mapa, no qual cada estrutura representará uma atitude necessária ao ser humano para vir a descobrir ou realizar a pessoa e no qual, isoladamente, nenhuma delas realiza por si só o processo. A relação dessas estruturas entre si permanece encerrada na

compreensão de Mounier, que parece seguir a lógica da análise das diversas possibilidades de manifestação do humano no mundo (ou, pelo menos, das principais, segundo sua visão), de sua relação com esse mesmo mundo e entre seus coexistentes, na subjetividade, na sociabilidade e intersubjetivamente, e nas atitudes que o autor considera importantes para o processo de devir da pessoa.

Abaixo, se apresentará, então, uma exposição reflexiva de cada uma dessas estruturas e, assim, espera-se ter por conclusão uma ideia mais clara do movimento de personalização.

3.2.1 A Existência Incorporada

À primeira dessas estruturas, Mounier dá o nome de *Existência Incorporada*. Nela, ele apresentará a pessoa como um ser encarnado, pertencente ao mundo, ao chão da vida, trazendo consigo, porém, além desta materialidade, a capacidade para transcendê-la. A pessoa está mergulhada na natureza, "o ser humano é corpo exatamente como é espírito, é integralmente "corpo" e é integralmente "espírito". Dos seus mais primários instintos, comer, reproduzir-se, é capaz de passar a artes sutis: a culinária, a arte de amar". (MOUNIER, 1974, p.39-40).

Com esta proposição, o filósofo intenciona esclarecer a posição do personalismo face ao que ele chama de "pernicioso dualismo" (MOUNIER, 1974, p. 41), herança dos gregos[12] e não do cristianismo, como ele faz questão de ressaltar. Ele chama a matéria de "impersonalidade, dispersão, indiferença, que tende para o nivelamento (degradação de energia), identidade ou repetição" (MOUNIER, 1974, p.45) e lhe atribui uma "permanente tendência para a despersonalização" (*Ibid.*), por causa dessas características. Todavia, ao mesmo tempo em que faz essas observações, observa também que, somente apoiado nessa mesma matéria, entendida como constitutivo do humano, pode este ser chegar ao universo pessoal:

> Até nas formas mais elementares da minha existência me afirmo como pessoa, e, nunca sendo fator de despersonalização, muito pelo contrário, a minha existência incarnada é fator essencial da minha situação pessoal. O meu corpo não é um objeto entre muitos outros, não é sequer o meu objeto mais próximo: como, sendo assim, se poderia unir à minha experiência de

[12] Entenda-se, especificamente, herança platônica.

> sujeito? Efetivamente, as duas experiências não são separáveis: existir subjetivamente, existir corporalmente são uma única e mesma experiência. [...] A sua servidão pesa-nos, mas ao mesmo tempo é base para qualquer consciência e para toda a vida do espírito. (MOUNIER, 1974, p. 51).

A questão é que o ser humano transcende a natureza. E o personalismo não negocia a presença do caráter de transcendência em sua ideia de ser humano. Mas de que maneira se dá essa transcendência e como compreendê-la, estando atrelados ao materialismo que se nos empurra goela abaixo desde a concepção materialista do ser humano, na qual está morta toda possibilidade do espiritual?

> A dificuldade está em colocarmos corretamente esta noção de transcendência. O nosso espírito resiste à representação duma realidade que esteja inteiramente inserida numa outra, na sua existência concreta, e que, no entanto, lhe seja superior em nível de existência. Não se pode morar ao mesmo tempo no rés-do-chão e no sexto andar, dizia Léon Brunschvig, o que apenas consegue ridicularizar, numa imagem espacial, uma experiência que o espaço não pode transcrever. (MOUNIER, 1974, p. 42).

Ainda falando dessa transcendência da natureza, é preciso evocar o entendimento de natureza que Mounier aplica a este momento de suas reflexões:

> Examinemos, pois, a natureza. Abandonemos o mito materialista da Natureza, Pessoa impessoal de ilimitados poderes. Abandonemos o mito romântico da Mãe afável, sagrada, imutável, de que não nos podemos afastar sob pena de sacrilégio ou de catástrofe; tanto um como o outro submetem o ser humano pessoal e ativo a um fictício impessoal. Na realidade, a natureza nada mais nos dá, nada mais entrega ao nosso conhecimento racional do que um feixe infinitamente complicado de determinações, das quais não chegamos mesmo a saber se, para além dos sistemas que formulamos para assegurar a nossa marcha, serão redutíveis a uma unidade lógica. (MOUNIER, 1974, p. 43).

Tudo na natureza influencia diretamente ou indiretamente a pessoa. Esse "feixe infinitamente complicado de determinações" nada mais é que o conjunto formado por condições biológicas, geográficas, culturais, sociais, econômicas, políticas. Mas nada disso encerra o ser humano em uma condição estática e imutável. Como já foi dito no primeiro capítulo desta reflexão, Mounier ousa inclusive, argumentar a favor do caráter de transcendência da pessoa, citando o próprio expoente materialista, Marx:

> "O homem é um ser natural, mas é um ser natural humano". E, exatamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. E, o que é infinitamente mais, é capaz de amar. (MOUNIER, 1974, p. 43).

Tudo o que foi dito a respeito da natureza e do ser humano nela, surgindo ele na mesma e transcendendo-a, ficaria incompleto se não se fizesse mencionar a posição do personalismo no que se refere à relação ser humano-natureza. Para Mounier, tais relações "não são, pois, relações de pura exteriorização, mas relações dialéticas de permuta e ascensão. O ser humano pesa sobre a natureza, como o avião sobre o peso, para do peso se arrancar". (MOUNIER, 1974, p 54). É o que ele irá chamar de personalização da natureza. E aqui cabe, perfeitamente, uma analogia com a categoria marxista de trabalho, que já foi mencionada anteriormente, mas, como já se percebe, não se trata de dominar a natureza, de extrair dela todo o seu potencial e transformá-la em produtos, que, não visando o fim da instauração de um mundo de pessoas, não têm valor, a não ser alienante.

Todavia, não se deve esquecer que a natureza resiste ao movimento de personalização: já o ser humano resiste a ser pessoa! "A matéria é rebelde e não somente passiva; ofensiva e não somente inerte". (MOUNIER, 1974, p.57).

Assim, não se deve concluir que, apenas pela presença do ser humano, a natureza se vá humanizar; não se deve concluir, igualmente, que, apenas pela presença da pessoa, a natureza irá se personalizar, já que a relação entre elas é "dialética de permuta e ascensão", como citado há pouco.

3.2.2 A Comunicação

No segundo capítulo de sua exposição das chamadas *estruturas do universo pessoal*, o filósofo de Grenoble traz o seu pensamento a respeito da *comunicação*. Nele, irá expor, sobretudo, que a comunicação é, talvez, o que mais proporciona ao ser humano a experiência da pessoa, ou o primeiro ato deste processo. Como configura vasto material, achou-se por bem subdividi-lo em alguns subtópicos: O Ímpeto da comunhão; Passos ou etapas da comunicação; Obstáculos à comunicação.

a) O Ímpeto da comunhão

Comum, comunidade, comunicação. A coincidência de raiz destas palavras salta aos olhos de qualquer leitor, sem que para isso haja necessidade de uma análise morfológica. O que não se mostra assim tão evidente é a solução do problema clássico que aborda a sociabilidade do ser humano, ora como dado natural, ora como fatalidade necessária à fuga do caos de um estado natural bélico e individualista. Entende-se individualismo como "um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa." (MOUNIER, 1974, p.62).

Desde a Antiguidade já se admite que uma das bases sobre as quais se ergue a maioria dos estudos políticos e éticos, senão todos, por concordância ou discordância, seja a afirmação de que 'o ser humano é um "animal político"'. O *zoon politikon* aristotélico é usado para descrever a natureza do ser humano ou algo dela, e Emmanuel Mounier tratará desta característica humana a partir do conceito de pessoa, que traz em si a admissão da necessidade natural de coexistência e a capacidade para a comunicação.

O Personalismo, assim como outras filosofias, acredita e defende que o ser humano seja, por natureza, um ser social e mesmo se apóia na afirmação de que *"*os homens não são homens fora do ambiente social" (LORENZON, 1996, p.18) e ainda de que "a pessoa traz em sua estrutura ontológica uma tendência inata para os outros" (*Ibid.*), para inferir que a Comunicação ou o contato com o outro é, além de condição para a vida social, para a epistemologia e a cultura, dentre tantos traços da antropologicidade, condição também para a formação da própria identidade, do processo de personalização individual e comunitária:

> Assim é que a criança se descobre, até certo ponto, no espelho dos outros, […] isto quer dizer que a criança conhece primeiramente os outros e depois a si mesma. Em outras palavras, a projeção, no plano psicológico, é anterior à subjetividade e à objetividade. (LORENZON, 1996, p. 24-25).

Essa *tendência inata para os outro,* essa necessidade de se dar a compreender e de compreender o outro, tanto quanto for possível, é o que se chama aqui de Ímpeto da Comunhão, termo utilizado por Emmanuel Mounier em suas reflexões sobre a Comunicação e que se traduz em uma necessidade fundamental de dar a conhecer ao outro e à comunidade humana algo de seu próprio universo pessoal – salvaguardadas as possibilidades de se fazê-lo

(linguagem e seus limites na expressão, ou expressão e seus limites na Comunhão) – sob pena de não ex-istir, caracterizando este ímpeto como algo necessário ao fenômeno da percepção da existência de uma pessoa por uma comunidade de pessoas. Desta forma, não seria exagero afirmar que a pessoa é fenômeno, ou afirmar a pessoa como fenômeno.

O ser humano não é um ser solitário, mas coexiste com outros, tem um caráter político e deverá atingir a plenitude do mesmo, para fazer-se pleno. Mounier afirma que "a experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, adentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o" (MOUNIER, 1974, p.63-64) e mais: "a pessoa, no mesmo movimento que a faz ser, ex-pôe-se. Por isso, é por natureza comunicável e até mesmo só ela o é" (*Ibid.*). Há uma passagem no *Tratado do Caráter*, obra de grande importância do referido autor, que elucida bem essa relação de coexistência: "eu-no-meio-dos-outros, eu em relação aos outros e os outros em relação a mim". (MOUNIER, 1946, p.469).

Quando se afirma que o *telos* da Linguagem é a Comunicação e que o ímpeto de comunhão é o que desinstala o ser humano de si mesmo e lhe confere a existência por meio de um movimento de exposição, surge a necessidade de perguntar pelo que, exatamente, seria exposto nesse movimento. A existência pessoal, no caso, pelo menos num primeiro momento, parece prescindir de expressão e isto leva a perguntar se também prescindiria de linguagem. Esse "silêncio" ou a experiência vivenciada nele, não se caracteriza só pela ausência da expressão ou pela sua impossibilidade, mas também pela não necessidade de expressão, que acontece somente na experiência fundamental e primeira do ser. Assim como são necessárias as primeiras expressões, este momento existencial do qual pouco se consegue expressar também é necessário e só pode ser vivido na atitude do segredo (*l'en soi*), do recolhimento, tão cara ao Personalismo. Chamá-lo de qualquer outra coisa (sujeito, consciência...) que não de 'fenômeno da pessoa', seria reducionismo. Alude-se aqui, obviamente, à experiência fundamental de ser, de existir, vivenciada no núcleo pessoal mais íntimo e que parece anterior a qualquer tipo de expressão ou de necessidade de expressão, mas nunca de Comunicação e jamais suficientemente distante da percepção de si mesmo que se opera na reflexão e, para o Personalismo, indissociável da presença do outro como *co-criador do eu*. Após aquela, cada nova experiência possível aconteceria primeiro nesse nível existencial, para depois ser como que traduzida pela expressão e pela linguagem, na comunidade humana. Assim, desde já,

assume-se que a Comunicação só pode se realizar por meio da Linguagem, entendida de maneira ampla, evidentemente.

Não se pode dizer, porém, que fala e silêncio e, portanto, também a Linguagem, de maneira ampla, sejam prescindíveis no tocante à necessidade vital de expressão experimentada como efeito das carências básicas. Se expressar parece estar no âmbito da necessidade, do inevitável, ao menos nos primeiros momentos da vida humana, já que é sempre em decorrência das tais necessidades primeiras – como a fome, por exemplo – que se dão as expressões iniciais da pessoa, as mais primitivas, como o balbuciar e outros sons, que ainda nem são palavras, mas carregam já um sentido mínimo, uma intenção, evidenciando a amplitude da Linguagem, ou, em outras palavras conforme o pensamento de Mounier, representam um momento de uma apropriação-desenvolvimento do ímpeto de comunhão que, além de angariar os recursos para a sobrevivência, parece ser condição *sine qua non* do acontecimento pessoal na comunidade humana, a única maneira de fazer notar a outrem aquela presença e ainda, em ultima instância, condição de existência, que pode inclusive lhe ser negada.

Todavia, isto que começa como imperativo instintivo de sobrevivência atinge altos graus de sofisticação ao longo do processo de personalização. Para que se possa certificar disso, basta perguntar: a partir de quando, cronologicamente e em cada situação, a expressão passa a ser uma opção, da qual se pode, inclusive, abrir mão? Faz parte do ato de se personalizar o livre uso da expressão ou, melhor dizendo, o uso deliberado da mesma, escolhendo, assim, "o quê" de mim enquanto pessoa específica e irrepetível, se oferecerá à comunidade ou ao outro. Assim, a existência de outro universo pessoal, distinto do meu, bem como o acesso a esse universo e o acesso ao meu universo pessoal, por outrem, parecem depender exatamente dessa oferta pessoal, que, por sua vez, implica disposição-disponibilidade e até sacrifício, das partes envolvidas. Nesta capacidade de doação parece residir um antídoto poderoso para as limitações da Linguagem e para o desespero da Comunicação, se não em todas as relações humanas possíveis (consigo, com o mundo), ao menos no tocante às relações interpessoais.

Vale lembrar que existem sérias investigações (Filosofia da Linguagem) sobre a (im) possibilidade de expressão por meio da Linguagem e que esses problemas permanecem mesmo dentro de uma acepção mais ampla do termo, como a que se assumiu aqui desde o

início; permanecem mesmo diante da constatação do ímpeto de comunhão. A tentativa frustrada de expressar de maneira completa cada fenômeno experimentado, principalmente aquele a que se chamou de experiência fundamental, deixa entrever que existe, em cada experiência, algo de incomunicável, em sua totalidade, pela expressão. Isto não tem nada de novo, à medida em que denuncia os limites da linguagem-expressão (que é tradução), mas coloca em evidência o caráter pessoal, intransferível e impossível de ser traduzido da experiência de ser, de ser pessoa. Isso, porém, não torna menos possível a Comunicação e não a torna menos necessária.

b) Passos ou etapas da Comunicação

Quanto à necessidade da Comunicação para o movimento de personalização e para o funcionamento minimamente profícuo da vida em sociedade-comunidade, não há muito que acrescentar, levando em conta os argumentos acima apresentados: o natural caráter político da condição humana e a co-construção do eu pela presença e coexistência do outro, salvaguardando, claro, a experiência fundamental de/do ser, que parece acontecer antes da primeira necessidade de expressão do ser humano que se há de fazer pessoa.

O segundo argumento, porém, que traz a constatação da necessidade e do papel da presença do outro no processo de personalização do eu, ganha destaque sobre o primeiro, já bastante aceito como axioma nos estudos políticos e, não obstante o enfoque desta reflexão seja fenomenológico – e talvez por isso mesmo – se faz necessário retomá-lo como pedra de toque: "os Outros não são nem o Inferno (J.P.Sartre) nem o Paraíso; eles são co-criadores do eu". (PERROUX, 1970, p. 31). Feito isso, será salutar percorrer o caminho galgado por Mounier na tentativa de pensar o processo de Comunicação, telos da Linguagem.

O primeiro passo que o filósofo francês irá colocar em evidência é *a saída de si próprio em direção ao outro*. Mounier coloca essa saída no rol dos atos humanos que só podem ser explicados pela capacidade de amar, capacidade esta que, para ele, é o verdadeiro distintivo da condição humana, em antítese profunda à afirmação da racionalidade como característica distintiva de tal condição: "O ato de amor é a mais forte certeza do homem, o *cogito* existencial irrefutável: amo, logo o ser é e a vida vale (a pena ser vivida)". (MOUNIER, 1974, p.68).

Não é difícil intuir o porquê desta alocação: sair para fora de si exige uma força de vontade férrea, principalmente quando não se precisa do outro e quando se escolhe realizar essa viagem ao outro mesmo sem uma necessidade imediata, ou ainda, quando se escolhe acolher o peregrino que vem se doar a mim para angariar existência. Tal gesto está no âmbito da doação e "a economia da pessoa é uma economia de dádiva, não de compensação ou de cálculo". (MOUNIER, 1974, p.66). As idas e vindas aos universos pessoais são uma verdadeira dialética e "esta dialética das relações pessoais aumenta e confirma o ser de cada um de nós". (*Ibid*.).

O segundo ato do processo de Comunicação seria *compreender*. A compreensão vai além da simpatia, pois exige que, não raras vezes, se a exerça a signatários com os quais não se tem nenhuma afinidade, já que no desafio da coexistência eu não posso escolher sempre com quem haverei de me relacionar. Compreender é acolher, é ser um pouco o outro:

> Ser todo para todos sem deixar de ser eu; porquanto há uma maneira de tudo compreender que corresponde a nada amar e a nada ser.
> A simpatia é ainda afinidade da natureza, o amor é uma nova forma de ser. O amor é cego, mas duma cegueira extra-lúcida. (MOUNIER, 1974, p. 66-68).

Como terceiro passo, Mounier elenca *a empatia*, *o tomar sobre nós, a compaixão*. O exercício dessa compaixão e dessa empatia levará a pessoa ao quarto passo, que seria, para o filósofo, *a generosidade, o dar, o ato gratuito*. Numa sociedade baseada em princípios individualistas, esses "passos ou etapas da Comunicação" destoam da atitude comum da maioria das pessoas, assumida à revelia, já que nem mesmo se colocam sob juízo em seus atos, tamanha a certeza do direito à prioridade individual, em todos os âmbitos da vida, inculcada no coração humano desde a opção da sociedade por este modelo, seja lá em que tempo possa ter se consolidado tal processo e sob sejam lá quais formas isso tenha se consolidado, em detrimento de um modelo baseado no conceito de pessoa. Essa dissonância que faz bailar os homens numa dança frenética por uma realização individual a despeito da cura também pelas realizações dos que os cercam, só faz minar as polifonias de possibilidades de maior felicidade comum, já que retira do ser humano a atenção àquilo que o realiza: a doação, o amor.

Mas que vantagens podem-se fruir do amor, dessa doação gratuita num mundo de universos pessoais preocupados, em sua grande maioria, tão somente com o próprio umbigo?

Como já foi dito, a economia da pessoa funciona de maneira bem diversa da economia do indivíduo e a generosidade pessoal é uma generosidade criadora, ela cria como consequência, nas relações interpessoais, aquilo mesmo que se propõe a oferecer.

Assim também acontece com o quinto passo elencado por Emmanuel Mounier: *a fidelidade*. Ser fiel é assumir o compromisso, é assentir e também é negar, afrontar; e "a fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora". (MOUNIER, 1974, p. 67). Fidelidade a si mesmo; ao processo de personalização que é intransferível; ao universo pessoal do outro que recebo. Fidelidade ao ímpeto de comunhão. Fidelidade que, mesmo diante das dificuldades e limites confessados da Linguagem e expressão – e da Comunicação – leva a condição humana a enfrentar o processo dessa dialética das relações pessoais, na certeza ou na aposta de que "a relação interpessoal positiva [seja] uma provocação recíproca, uma mútua fecundação". (MOUNIER, 1974, p. 69).

c) Obstáculos à Comunicação

O ímpeto de comunhão foi apresentado como o elemento constitutivo humano que faz a pessoa se desinstalar de si mesma em direção a outrem. Como foi dito, este é precisamente o movimento que confere existência a uma pessoa para uma comunidade de pessoas e, a despeito da solidão irredutível da experiência fundamental primeira de/do ser, é também responsável pela co-criação do eu. Todavia, quando o assunto em questão são os obstáculos à Comunicação, esse mesmo ímpeto de comunhão aparece como que desafiado em cheque-mate, já que a primeira dificuldade que o Personalismo enfrenta ao pensar tais obstáculos é justamente *a incerteza dessa comunhão.*

Problema clássico para a Filosofia, permanece com poucas respostas o florilégio de ervas de urubu representado por questões indigestas como os limites da Linguagem, o problema da verdade e da subjetividade e a incerteza da comunhão, que traduz a dúvida sobre o entendimento que o outro terá de mim ao entrar no meu universo pessoal – dúvida de que partilham todas as partes das relações interpessoais:

> Há sempre algo nos outros que foge ao mais total esforço de comunicação. No mais íntimo dos diálogos, a coincidência perfeita não nos é dada; nada me pode dar a certeza de que não haja qualquer coisa de mal-entendido, nada a não ser em raros momentos em que a certeza da comunhão é mais forte do

> que todas as análises, e que servem de viático para a vida inteira. Tal é a profunda solidão do amor; quanto mais perfeito este, mais aquela é sentida. Por isso e de fato, no universo em que vivemos, a pessoa está a maior parte das vezes mais exposta do que rodeada, mais abandonada do que comunicada. É a avidez da presença: mas o mundo inteiro de pessoas está maciçamente ausente. A comunicação é mais rara do que a felicidade, mais frágil do que a beleza. Um nada a pode suspender ou quebrar entre duas pessoas; como podemos, pois, esperá-la entre um grande número? (MOUNIER, 1974, p. 70).

Parece existir no ser humano uma espécie de má vontade fundamental, já que "há sempre algo em nós que resiste essencialmente a todo o esforço de reciprocidade" (MOUNIER, 1974, p. 69) – este seria o segundo obstáculo à Comunicação. Mas a pessoa não se realiza senão transpondo esta má vontade e só pode fazer isso através do ato de amor:

> [...] quando pensamos na pessoa somos influenciados pela imagem duma silhueta. Pela experiência interior a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. (MOUNIER, 1974, p.63).

Para o personalismo, ser é amar. A alienação ou absurdidade (se tornar estranho a si mesmo, perdido de si) é, como todas as loucuras, uma falha nas relações com os outros:

> Quando a comunicação se enfraquece ou se corrompe perco-me profundamente eu próprio: todas as loucuras são uma falha nas relações com os outros – o alter torna-se alienus, torno-me também estranho a mim próprio, alienado. Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar. A solidão que tantos escritos apresentam como dado da condição humana é na maior parte dos casos obra nossa: fazemo-nos sós. (MOUNIER, 1974, p.64).

Mas e quando eu opto por não estar disponível? Não seria também este movimento de recolhimento necessário e tão personalizador quanto o de se oferecer e se doar gratuitamente? Parece que tal movimento, feito de maneira livre e sob justa medida, seja tão necessário quanto o de estar disponível, já que é nele que a pessoa pode fomentar a vida pessoal, que "[...] começa com a capacidade de romper contatos com o meio, de ripostar, de recuperar, para, através duma unificação tentada, se constituir uma só". (MOUNIER, 1974, p.82).

Ainda como obstáculos à Comunicação, Mounier apresenta *a opacidade irredutível da existência* – uma indiscrição que seria barreira à livre comunicação, que pode ser entendida sob o significado habitual da palavra indiscrição tanto quanto sob o significado de uma incapacidade de descrever, que se prefere aqui –, além daquilo que ele irá chamar de *egocentrismo nas reuniões de reciprocidade* (família, pátria, corpo religioso, etc.:), egocentrismo que cedo irá "levantar barreiras entre o homem e o homem" (MOUNIER, 1974, p. 70) e que será, portanto, causador da violência – obstáculo também possível – nas relações interpessoais.

Mounier parece pensar as relações interpessoais como fenômenos ocorridos em associações de tamanho e alcance progressivo, surgidas a partir das necessidades das pessoas, primeiramente, chegando a serem possíveis tais associações acontecerem também por escolha deliberada; e depois parece pensar a humanidade como uma rede de associações menores e as relações entre elas, sempre resistindo a uma massificação global que despersonaliza tais associações que, pelo tamanho do seu alcance, sempre preferencialmente pequeno, oferecem mais condições para a personalização. E aponta alguns limites nessas associações:

> A estrutura social empobrece evidentemente a relação pessoal, porquanto só pode assegurar a continuidade na repetição. Uma família angélica seria talvez um ininterrupto brotar de atos de amor, uma economia angélica uma contínua troca de dádivas. Mas uma família humana é também um vínculo psicológico e jurídico, uma economia humana um feixe de regulamentos e necessidades. Este parcial impersonalismo das estruturas é uma ameaça. Está para o ímpeto da comunhão como o corpo individual para o ímpeto de personalização, resistência e apoio necessário. Desprezá-lo por causa da sua ambivalência é querer iludir a condição humana.
> O personalismo recusa-se pois a afetar com um coeficiente pejorativo a existência social ou as estruturas coletivas. Apenas distinguirá uma hierarquia de coletividades, segundo o seu maior ou menor potencial comunitário, ou seja, a sua mais ou menos forte personalização. (MOUNIER, 1974, p.73).

Enfim, tudo que se torna, na pessoa, comunicável, em certa medida se torna impessoal: "o pensamento só existe e irradia quando enraizado na pessoa. Se, no entanto, o pensamento não se tornar comunicável e, portanto, em certa medida, impessoal, já não será pensamento, mas delírio". (MOUNIER, 1974, p. 75). Todavia, parece que nem tudo que é incomunicável daquilo que a pessoa tem a capacidade de experimentar pode ser chamado de delírio pelo simples fato de ser incomunicável – basta recorrer à experiência fundamental de/do ser, por exemplo. Mas tudo que é comunicável, só se torna assim por meio da tradução-

expressão- Linguagem, o que conduz à admissão de que o *telos* da linguagem seja a Comunicação, que, por sua vez, é parte importante do movimento de personalização.

3.2.3 A Conversão Íntima

Após esta exposição sobre o papel da Comunicação no movimento de personalização, Mounier irá apresentar a próxima Estrutura, ou o próximo elemento essencial do Universo Pessoal: a Conversão íntima. Se até aqui o grande tema fora a saída de si em direção à natureza e a outrem (o que podemos chamar de transcendência horizontal) e a possibilidade de uma transcendência vertical, ou espiritualidade, no sentido religioso mesmo – admitida, embora não tão mencionada como a primeira –, de agora em diante o tema será o movimento inverso: a interioridade, a vida interior, subjetividade, que, "como veremos, não é oposta ao movimento de comunicação, mas pulsação complementar". (MOUNIER, 1960, p.81). Neste momento, Mounier irá falar sobre algumas necessidades nada materiais do ser humano, mas nem por isso, menos reais: o recolhimento, o segredo, a intimidade, o privado, o movimento de desapropriação, e a dialética da interioridade-objetividade.

Conversão íntima significa convergir forças, reunir forças, tomar consciência dessas forças. Essa tomada de consciência, essa reunião e convergência de forças, é algo que acontece no interior, através de um retorno a si sempre necessário, como ato que prepara uma melhor saída de si, num segundo momento. Portanto, nada tem a ver com solipsismo ou com fantasias introspectivas. É aqui que se abre espaço para falar de retiro e de silencio, de reserva e de segredo, valores esquecidos na sociedade de hoje e que fazem falta ao ser humano contemporâneo, que se perde no movimento de dispersão nas coisas exteriores que o solicitam sempre cada vez mais:

> O homem pode viver como uma coisa, uma tal vida apresentará sempre o aspecto duma demissão: seja o *divertissement* de Pascal, o estádio estético de Kierkegaard, a *vida inautêntica* de Heidegger, a *alienação* de Marx ou a *má-fé* de Sartre. O ser humano do divertimento vive como que expulso de si próprio, confundido com o tumulto exterior: assim o homem prisioneiro de seus apetites, funções, hábitos, relações, dum mundo que o distrai. Vida imediata, sem memória, sem projetos, sem domínio, e que é a própria definição de exterioridade, ou, à escala humana, de vulgaridade. A vida pessoal começa com a capacidade de romper contatos com o meio, de

> *ripostar*, de *recuperar*, para, através duma unificação tentada, se constituir uma só. (MOUNIER, 1974, p. 82).

Quando fala dessa vida interior, tão necessária ao ser humano para se descobrir, para se projetar, para se construir como pessoa, Mounier de maneira alguma deseja propor fugas do mundo objetivo ou romantizar essa necessidade, colocando-a como mais importante que a vida exterior. "É preciso simplesmente que desmitifiquemos o privado, impedindo que este seja elevado à posição de defesa contra a vida pública". (MOUNIER, 1974, p. 87).

Outro aspecto da vida do ser humano, da construção da pessoa, e que diz respeito também a essa conversão íntima, é a sua relação com a propriedade. Possuir coisas, possuir: para Mounier (1974, p.89) a pessoa precisa dispor de certo número de objetos, necessita ter espaço e necessita não opor tanto o ter e o ser, como se precisasse escolher entre essas duas atitudes existenciais. As duas são necessárias. Mas é necessário saber não ser possuído pelos bens que é necessário possuir.

Para concluir as observações sobre esta estrutura, o movimento do coração servirá como uma metáfora feliz para elucidar as duas necessidades essenciais da vida pessoal, ou seja, a saída de si mesmo e a vida interior: "Unindo-se para se encontrar, e a seguir, expondo-se para enriquecer e se tornar a encontrar, depois de novo se unindo no despojamento, a vida pessoal, sístole, diástole". (MOUNIER, 1974, p.92). Sem qualquer um dos dois movimentos, não há vida pessoal.

3.2.4 O Afrontamento

Outra estrutura do universo pessoal é o Afrontamento. Esta atividade poderia muito bem receber o nome de luta de forças. Com efeito, nos diz o autor de *O Personalismo* (1974, p.103), ser é amar e o amor não é outra coisa que luta; a vida é uma luta contínua contra a morte e a pessoa não acontece em um êxtase, mas numa luta de força. Luta que se expressa no sim e no não, na adesão e na recusa de tudo o que é exterior, e por vezes de realidades interiores, desde o contato com o ambiente até as realidades culturais, que são exemplo de realidades espirituais. Mas uma luta não se faz somente de violências. Existem outras forças a serem consideradas no movimento de afrontar que faz aparecer a pessoa:

> Por ter destruído o Ser transcendental e a existência quotidiana, Kierkegaard vai indefinidamente recusando tudo, o mundo, o casamento, a ação, a Igreja, as mediações intelectuais, todas as forças que enraízam o indivíduo, reservadas então a um como que *fiat* solitário e paradoxal no Absoluto. Para Heidegger, a existência não é um acolhimento do ser interior, mas recusa da morte, recusa do nada. Para Sartre, o homem é atacado por dentro por um ser ameaçador, viscoso, estúpido, e não existe senão na resposta que dá à sua atração. Todos estes pensamentos deram notáveis descrições da força de ruptura concentrada na pessoa. Mas, operando o vazio no mundo que a rodeia, mais não lhe podem dar do que terror, e colocam a pessoa num permanente estado de alarme e réplica. Ignoram atitudes de apaziguamento, de acolhimento, de dádiva, que são também constitutivas do nosso ser".(MOUNIER, 1974, p. 102-102).

Como se pode notar, "não é impunemente que somos pessoas" (MOUNIER, 1974, p.83), ou seja, o caminho da personalização passa por duras decisões, por amplas reflexões, por saídas exigentes de si mesmo e recolhimento, por atitudes não muito fáceis, na maioria das vezes. É por isso que, em determinado momento, Mounier dirá que "esta espécie é rara. A maioria dos homens prefere a escravidão na segurança ao risco na independência, a vida material e vegetativa à aventura humana" (MOUNIER, 1974, p.107). Tal preferência evidencia a existência – e a importância – de mais uma estrutura do universo pessoal: a liberdade. Mas uma liberdade com condições.

3.2.5 Liberdade com condições

A liberdade é vista pelo personalismo "com condições" porque, precisamente, esta Filosofia não a considera uma coisa. Ao dizer que a liberdade não é uma coisa, o Personalismo propõe a recusa de duas visões de liberdade, às quais chama de equivocadas:

> Uma é a liberdade de indiferença: liberdade de nada ser, de nada desejar, de nada fazer; não só indeterminismo como indeterminação total. Alguns liberais e outros espíritos anarquizantes veem sob este prisma a liberdade de pensamento e de ação. Mas o ser humano nunca conhecerá este estado de equilíbrio: fazendo-lhe acreditar que ele é possível, iludem-se suas opções reais, ou então arrastamo-lo definitivamente para o gosto mortal da indiferença.
> A outra é aquela que mendigamos ao indeterminismo físico. Fez-se um grande alarde com as novas perspectivas que a física moderna veio abrir, quis-se obrigá-la a "provar a liberdade". Era uma ideia totalmente errada de liberdade (MOUNIER, 1974, p. 110-111).

Para que o ser humano fosse livre dentro dessas concepções, seria necessário que o mundo fosse inteiramente inteligível, que a comunhão entre as pessoas não experimentasse limites ou interrupções, e que fosse total a posse dos ideais de cada um, mas "toda vitória da liberdade se vira contra ela própria e atrai novos combates; a batalha da liberdade não termina". (MOUNIER, 1974, p.121). Sendo assim, ou seja, não admitindo essa ideia de liberdade, resta expor, então, qual ideia de liberdade Mounier irá propor, a *liberdade com condições*:

> A liberdade não se ganha contra os determinismos naturais, conquista-se por cima deles, mas com eles. (MOUNIER, 1974, p.111).
> O homem livre é o homem que pode prometer e o homem que pode trair (G. Marcel). (MOUNIER, 1974, p.114).
> Ser livre é primeiramente aceitar esta condição, para dela partir. Nem tudo é possível, nem tudo é possível em todos os momentos. Estes limites, quando não são demasiado estreitos, são uma força. (MOUNIER, 1974, p.116).
> A nossa liberdade é liberdade de pessoas valorizadas. Não sou livre apenas porque exerço minha espontaneidade, torno-me livre se der a essa espontaneidade o sentido duma libertação, ou seja, duma personalização do mundo e de mim próprio. (MOUNIER, 1974, p119).

Sempre recordando o papel do outro no conceito de pessoa e, portanto, no movimento de personalização, como co-criadores do eu, Mounier continua, dizendo que "[...] há, pois, aqui, uma nova instância, a que separa a pessoa implícita, à beira do ímpeto vital, da pessoa que por seus atos amadurece na espessura cada vez maior da existência individual e coletiva" (MOUNIER, 1974, p.119), "o homem livre é um homem que o mundo interroga e que responde; é o homem *responsável*". (MOUNIER, 1974, p.123).

3.2.6 O Compromisso

Emmanuel Mounier é bastante extenso, nesta obra que tomamos para servir de mapa da personalização, ao falar da última estrutura do universo pessoal, o Compromisso, ou, caso se prefira, a ação.

Este subtópico tem como objetivo saldar a dívida desta reflexão para com o aspecto político do pensamento de Emmanuel Mounier, deixado em segundo plano ao longo do caminho trilhado até aqui, jamais por não ser importante – sua importância é atestada pelo que foi dito no parágrafo anterior, sobre a extensão do tema em *O Personalismo*, e, mais ainda,

pelas palavras do próprio Mounier, que afirma que "uma teoria da ação não é pois apêndice ao personalismo, é seu capítulo central". (MOUNIER, 1974, p.151).

A ação é necessária, para o personalismo, pois já no conceito de pessoa se admite que ela, a pessoa, é atividade, é ação, e "o que não age, não é" (MOUNIER, 1974, p.151). Agir é comprometer-se, aceitar todas as virtualidades de uma condição encarnada à qual se pode transcender, na qual se exerce a liberdade, a comunicação, o afrontamento. Esta ação não abarca somente o trabalho, nem somente as adesões, mas os motivos daquele e destas e se dirige em todas as direções e planos do humano.

Do movimento de personalização já se disse que é o trabalho por excelência do ser humano. "Este aprofundamento de si até os princípios que nos fazem homens, cada um o leva a cabo por sua conta sobre esses dois caminhos, com frequência entrelaçados, da contemplação e do trabalho". (MOUNIER, 1975, p.50). Por isso o compromisso é tão importante, a ação é tão importante, mas vista em toda a sua amplitude.

Esta ação, no que se refere ao aspecto ontológico, fenomenológico e até ético da pessoa, implica em todas as atitudes às quais se fez referência em cada etapa da personalização, em cada estrutura do universo pessoal. Implica em se reavaliar, no particular e na comunidade; em rever sempre as adesões, no espiritual ou no material do acontecimento de cada pessoa e comunidade.

É ao falar de adesões, justamente, que Mounier começa a expressar seu pensamento político, pois as adesões são a forma pessoal de se comprometer. Se comprometer com algo, com uma ideia; com estes e não aqueles valores; com outra pessoa, consigo mesmo:

> Por meio de todas essas vias haveremos de chegar a criar um hábito novo da pessoa, o hábito de ver todos os problemas desde o ponto de vista do bem da comunidade humana e não dos caprichos do indivíduo. A comunidade humana não é tudo, mas uma pessoa ilhada não seria nada. O comunismo é uma filosofia da terceira pessoa, impessoal. Mas há duas filosofias da primeira pessoa, duas maneiras de pensar e de pronunciar a primeira pessoa: estamos contra a filosofia do eu e a favor da filosofia do nós. (MOUNIER, 1975, p.50).

Usando este critério é que Mounier irá propor sua *Revolução Personalista e Comunitária*, que começa na ação da personalização de cada ser humano, responsabilidade de cada um – e da comunidade, mas em segundo lugar, de quem é exigido que assegure a cada um as possibilidades mínimas para o processo e a quem é categoricamente vetada a

interferência ou trabalho de obstrução no desenvolvimento da pessoa. Aqui entram em contato uns com os outros, aspectos como liberdade, imprevisibilidade, estruturas e instituições, numa co-criação da pessoa:

> Deste modo e em todas as partes a reforma do homem transborda os limites do homem. Não voltaremos a encontrar o sentido do homem a não ser assumindo o sentido do universo. Entendamos bem este universalismo. Nada de bobagens à Leibniz, surdez cativante aos sons desagradáveis do universo. O universo está fragmentado, quer dizer, é fragmentado, discordante. Arranquemos as facilidades e as harmonias de nossos corações. [...] A universalidade é nossa estrela longínqua. Até agora só lha reconhecemos como uma experiência começada e ocasionalmente concluída. Não pode ser para nós outra coisa que um esforço arrancado das profundidades do homem. Não cremos tampouco alcançá-la por algum tipo de imposição violenta, capitalismo, sovietismo, latinismo, de uma forma ou de uma civilização completamente pronta. (MOUNIER, 1975, p. 61).

Destarte, embora o personalismo afirme a primazia do espiritual sobre o material, e uma reforma da ideia de homem como primeira ação necessária – que é sua principal meta – esta não acontece sem a mesma força de ação sobre os aspectos materiais, imediatamente mais percebidos até que os que sobre ele têm a primazia, numa revolução ao mesmo tempo espiritual e material:

> Quando dizemos que a pessoa é, de alguma maneira, um absoluto, não dizemos que é o Absoluto; tampouco proclamamos, com os Direitos do Homem, o absoluto do indivíduo jurídico. A comunidade, entendida como uma integração de pessoas para a inteira salvaguarda da vocação de cada uma, é para nós, o diremos logo, uma realidade cujo valor tem um valor quase tão fundamental como o da pessoa. E sabemos que hoje se acha não menos desconhecida e depreciada e não menos ameaçada que ela. (MOUNIER, 1975, p.63).

> [...] a sociedade, quer dizer, o regime legal, jurídico e econômico não têm como missão nem subordinar as pessoas nem assumir o desenvolvimento de suas vocações, mas a de assegurar-lhes, em princípio, a zona de isolamento, de proteção, de jogo e de ócio que lhes permitirá reconhecer em plena liberdade espiritual esta vocação; de ajudá-la sem coação por uma educação sugestiva a desprender-se dos conformismos e dos erros de outros sistemas; de dar-lhe pelo apoio do organismo social e econômico os meios materiais que são comumente necessários, salvo vocações heroicas, para o desenvolvimento desta vocação. É necessário especificar que esta ajuda é devida a todos sem exceção; que só poderia tratar-se de uma ajuda discreta, deixando ao risco toda sua parte correspondente, uma vez evitado por meio dos mecanismos de coerção material o nascimento de injustiças derivadas da liberdade de alguns, suscetíveis de se voltar contra a liberdade de todos. (MOUNIER, 1975, p.64).

O personalismo exige da ação que ela transforme a realidade, que forme pessoas, que aproxime cada um de seus coexistentes e que enriqueça o universo de valores do ser humano. Para Mounier, poderíamos resumir, a ação pode ser distinguida de quatro formas básicas, que remontam uma distinção clássica: o fazer (*poiein*), ou ação econômica; o agir (*prassein*), ou ação ética; o *teorein* (atividade contemplativa) e o agir em comunidade, do qual o filósofo faz questão de lembrar a importância:

> Comunidade de trabalho, comunidade de destino ou comunhão espiritual são indispensáveis à sua humanização integral. Foi pela oferta que delas foi feita, oferta mais ou menos impura, àqueles que não as encontravam no ambiente do seu país ou da sua vida, que fascismo e comunismo conheceram tão largo sucesso. Não é com clamores de desesperados solitários que hoje podemos despertar uma ação que o desespero esgotou. (MOUNIER, 1974, p.162-163).

A teoria mounieriana do compromisso engloba, então, num mesmo ato, todo o caminho que vai desde a realização particular do movimento de personalização até os pólos político e profético da ação que, recorde-se, é em todos esses momentos perpassada de uns e outros que, por sua vez, perpassam-se uns aos outros. Neste entendimento, a afirmação da solidariedade entre a teoria e a prática é já algo bem minúsculo diante daquilo que realmente importa,

> [...] traçar uma total geografia da ação para sabermos tudo o que deve ser unido e como o deve ser. Nenhuma ação pode ser sã e viável se desprezar totalmente, ou, por maioria de razão, se repelir, quer uma preocupação de eficácia, quer o contributo duma vida espiritual. Sem esquecermos, no entanto, que a incapacidade de cada homem para plenamente realizar todo o homem especializa a ação. (MOUNIER, 1974, p.163)

Se é verdade que a nenhuma pessoa particular é atribuída a capacidade de ser tudo ao mesmo tempo, torna-se verdade e necessidade que o mundo de pessoas se forme e surja da colaboração de todos os caracteres das comunidades, ou, melhor dizendo, as forças de cada um, e de cada comunidade, pois

> [...] o temperamento político que vive na condução e o temperamento profético que vive na meditação e na audácia, não coexistem no mesmo homem. É indispensável para uma ação bem combinada a existência destas duas espécies de homens, e a articulação que entre elas se estabelecerá. (MOUNIER, 1974, p.163).

Acontece que o ser humano e as comunidades recusam, muitas vezes, a ação, por causa mesmo das impurezas e aspectos repreensíveis das iniciativas que surgem no hoje da existência – e quanto mais esse homem ou comunidade for dado à proximidade com as filosofias do absoluto, mais recusarão, por aquela razão, as possibilidades de ação.

Recordando que tal posição conduz a uma estaticidade improfícua, Mounier argumenta que "o absoluto não é deste mundo[13] e não é comensurável a este mundo. Só nos podemos comprometer em combates discutíveis e em causas imperfeitas" (MOUNIER, 1974, p.163), o que desautoriza qualquer pessoa a prescindir de seu compromisso, de sua ação. "Recusar por um tal motivo o compromisso é recusar a condição humana". (*Ibid.*).

Quando o personalismo fala de comprometer-se, não se esquece de que isso não depende da pessoa, nem da comunidade de pessoas, em ultima análise, porque "nós [já] estamos comprometidos, embarcados, pré-ocupados". (MOUNIER, 1974, p.165). Assim, assume caráter de mera ilusão qualquer abstenção na ação, que apesar de toda impureza possível do compromisso, não significa de maneira alguma a desistência dos valores de uma pessoa, de uma comunidade, pois é justamente

> [...] a consciência inquieta, e por vezes lancinante, que temos das impurezas das nossas próprias causas guardam-nos longe do fanatismo, num estado de vigilância crítica. Sacrificando às solicitações do real as vias e as harmonias por nós imaginadas, adquirimos essa como que virilidade que a purificação das ingenuidades e das ilusões desenvolve, esforço contínuo de fidelidade por desconcertantes caminhos. O risco que assumimos na parcial obscuridade de nossas ações, coloca-nos num estado de despojamento, de insegurança e de aventura, que é clima propício para as grandes ações. (MOUNIER, 1974, p.165).

A estrutura trágica deste tipo de compromisso proposto como etapa da personalização ou estrutura do universo pessoal faz lembrar o realismo trágico com o qual Mounier trata o ser humano, ou melhor, a pessoa. Isso corrobora, mais uma vez, com a característica que é marca de toda a sua filosofia: parte-se da pessoa, de todas as formas e ainda que como *telos*, como foi proposto nesta reflexão.

A isto se ajuntem as observações sobre as dificuldades do compromisso, as suas fragilidades e caráter também aberto e não definitivo – como a pessoa mesma! –, e o fato de,

[13] O sentido da expressão parece ser mais de constatação da imperfeição do mundo do que uma afirmação de um "mundo vindouro", embora se possa pensar que Mounier a teria usado com base em sua crença do Paraíso, que professava, naturalmente, como cristão.

por estas razões, o compromisso ser algo que se manifesta nas adesões e rupturas, como que em tentativas e erros, sempre em busca dos acertos, sem jamais cessar.

Finalizando seu tratamento desta estrutura do universo pessoal, ou seja, do compromisso, Mounier faz uma severa crítica à educação que à sua época era praticada: "A educação que hoje em dia é distribuída prepara o pior possível para uma cultura da ação. A Universidade distribui uma ciência formalista que conduz ao dogmatismo ideológico ou, por reação, à ironia estéril" (MOUNIER, 1974, p.167). A situação da Universidade teria mudado desde há cinqüenta e oito anos?

Àquela época escreveu Mounier – e a voz da pessoa o grita, com ele, ainda hoje – que "é todo um clima a modificar, se não quisermos ver mais os nossos intelectuais a dar o exemplo da cegueira e, os mais conscienciosos, da covardia". (*Ibid*.).

À guisa de conclusão desta etapa, na qual se propõe um caminho de personalização, talvez até mais do que se lha conceitue, propriamente, e para além da simples afirmação do que vem a ser essa personalização, será profícuo recordar as palavras do próprio Emmanuel Mounier, quando diz que "os três exercícios essenciais da formação da pessoa são, pois: a meditação, [...] o compromisso, reconhecimento de sua encarnação; a depuração, iniciação à entrega de si e à vida nos demais. Se a pessoa falha em algum deles, fracassa". (MOUNIER, 1975, p.67).

CAPÍTULO IV - DESPERSONALIZAÇÃO

O tema da despersonalização é algo que figura nos escritos de Mounier com menor presença do que os temas da personalização e da pessoa. No livro-síntese de seu pensamento, *O Personalismo*, aparece pela primeira vez quando fala da condição encarnada do ser humano, no primeiro capítulo, *A Existência Incorporada*:

> Esta ascensão da pessoa criadora pode seguir-se na história do mundo. Aparece-nos como uma luta entre duas tendências de sentido oposto: uma é uma permanente tendência para a despersonalização. [...] a outra é o movimento de personalização que, em rigor, só começa com o homem [...]. (MOUNIER, 1974, p.45).

Todavia, antes de falar de despersonalização, o filósofo aborda o impessoal, definindo-o a partir da natureza – "natureza exterior, anterior ao homem, inconsciente psicológico, participações sociais não personalizadas – (que) em nada contribui para o mal do homem. [...] Mas exatamente porque é a situação do impessoal e do objetivo, é permanente ocasião de alienação". (MOUNIER, 1974, p.41). Essa abordagem do impessoal denota uma concepção de natureza bastante abrangente, como se verificou ao tratar da condição encarnada do ser humano. Mas, não somente. Denota também uma preocupação de delimitar, ou pelo menos de fazer uma aproximação da fronteira *ser humano-pessoa*, uma tentativa de identificar em que ponto o ser humano começa a ser pessoa.

Há que se recordar o fato de que, para a realização da pessoa, devem ser asseguradas algumas condições:

> É preciso que os poderes definam e protejam os direitos fundamentais que garantem a existência pessoal: integridade da pessoa física e moral contra as violências sistemáticas, os tratamentos degradantes, as mutilações físicas ou mentais, as sugestões e propagandas coletivas; liberdade de movimentos, de palavra, de imprensa, de associação e de educação; inviolabilidade da propriedade privada e do domicílio, *habeas corpus;* presunção de inocência até prova de culpa; proteção ao trabalho, à saúde, à raça, ao sexo, à fraqueza e ao isolamento. (MOUNIER, 1974, p.107).

Tais condições começam a partir daquilo que foi definido como impessoal, num esforço consciente e ininterrupto, bem como livre e criativo, de personalização. Assim, não seria estranho afirmar que a despersonalização é o oposto da personalização e, em certa

medida, isto bastaria para compreender este movimento que está sempre presente como possibilidade ao ser humano. Todavia, proceder-se-á a uma descrição mais significativa, uma vez que, como foi proposto na introdução deste trabalho, entende-se a despersonalização em dois sentidos, ou seja: despersonalização como *não chegar a ser pessoa* – no caso, seria mais exato falar em não-personalização ou não-realização do *telos* de personalização do ser humano – e isto pode se dar por diversas contingências; e despersonalização como o movimento de deixar de ser pessoa.

A ausência das condições materiais e espirituais que deveriam ser asseguradas a todo ser humano pela comunidade de pessoas com vistas à personalização influenciará em grande parte o processo de despersonalização. É por esta razão que o tema aparece tanto quanto mais Mounier se aprofunda nas análises dos tipos de organização social que desfavorecem o fenômeno da pessoa ou da vida pessoal.

Assim, o caminho mais propício ao entendimento duplo do movimento de despersonalização que se propôs acima será analisá-lo nas duas dimensões do ser humano: a dimensão espiritual e a dimensão material. Dizendo de outra maneira: analisar o que pode ser considerado como ocasião de despersonalização, como força despersonalizadora, tanto no aspecto espiritual humano quanto em seu aspecto material.

Já foi dito que a ideia de ser humano que se tem num tempo-espaço é responsável, em grande parte, por toda realização humana nesse mesmo tempo-espaço e além, admitindo certa continuidade histórica. Provavelmente por admitir isto, a análise mounieriana se inicie com um ataque frontal a qualquer ideia de ser humano que proponha uma humanidade estática, passível de definição, fechada num conceito ou marcada pelo individualismo.

Este último tema, o individualismo, já foi suficientemente explorado anteriormente e sua presença na concepção de ser humano, como se viu, é um problema de primeira grandeza, para o personalismo. Verificou-se que o individualismo exacerbado, vivenciado intensamente nos dias de hoje como parte da ideia e da condição de ser humano, é forte fator de despersonalização, justamente porque ataca sua liberdade criativa e responsabilidade, a conexão com o universo e com os outros homens e mulheres, retirando até mesmo sua particularidade, lançando-o no absurdo e preparando um mundo de autômatos padronizados, paralisando-o numa espécie de embotamento conformado, como se já não pudesse ser de outra maneira, como se não pudesse mais se superar.

Mas a primeira compreensão questionada por Mounier na ideia de ser humano será o dualismo com o qual se costumava defini-lo, em sua época – e ainda hoje, muito usualmente: corpo e alma, matéria e espírito, como se estivessem separadas e pudessem se consideradas uma sem a outra. E não é sem propósito que inicia criticando tal "pernicioso dualismo, tanto na nossa maneira de viver, como no nosso pensamento". (MOUNIER, 1974, p.41). Ao dizer, na mesma página, que o homem é um ser natural que faz parte da natureza com seu corpo e a transcende pelo espírito, pode-se entender que tais palavras já estão colocadas com a intenção de que sirvam de base para um projeto de reorganização de todo o universo humano, desde a sua ideia de si mesmo até as suas estruturas sociais de toda espécie. Nota-se, então, que a consequência de pensar o ser humano em sua completude – matéria e espírito – é uma revolução total do mesmo, que começa na ideia e tem seu impacto no material, já que, para o personalismo, essas duas dimensões do ser humano coexistem e não se dissociam:

> No momento em que Mounier fala sobre o tema da encarnação, vemos de modo mais claro uma apresentação do personalismo como uma proposta de realismo integral, em que Mounier irá rejeitar o monismo (de cunho espiritualista ou materialista) e o dualismo (que separa radicalmente corpo e espírito) como leituras do mundo e especialmente da pessoa. A proposta do realismo integral é a de pensar a pessoa como uma unidade real, e não apenas aparente entre seus princípios constitutivos, no entanto, essa unidade não significa a negação das especificidades de cada princípio ou a assimilação/redução de um princípio pelo outro. A pessoa é corpo e espírito; sem deixar de possuir suas especificidades, esses dois princípios são imbricados, de modo que o desprezo de um deles acarreta um inevitável rebaixamento da pessoa. (ROCHA, 2011, p.44).

A dissociação mencionada acima seria, então, a primeira forma de despersonalização, ocorrida já na maneira do ser humano pensar-se a si mesmo: desconsiderando qualquer um de seus caracteres (elementos constitutivos), ele corre o risco de ser menos do que poderia ser; desconsiderando seu aspecto espiritual, o ser humano corre o risco de não chegar a ser pessoa.

Acontece que o ser humano tende sempre a essa postura dual, talvez por ter se acostumado a ver-se a si mesmo desta maneira. Destarte, porém, corre ele o risco de negligenciar algo de si mesmo já em seu pensamento, o que tem consequências despersonalizadoras. Tome-se, por exemplo, a supervalorização do material em detrimento do espiritual, na contemporaneidade, ou do espiritual, em outras épocas, em detrimento do material. Já em seu tempo, Mounier buscava uma visão que abarcasse a completude, uma

ideia mais total do ser humano: "[...] pensamos que o homem se expressa pela objetividade tanto como pela interioridade, decifrando e inventando o mundo visível tanto como elevando-se pela vertical de seu próprio segredo". (MOUNIER, 1956, p.161).

Chega-se, assim, a um ponto crucial da análise: a interioridade, tão necessária para a realização da pessoa quanto a objetividade, é cada vez menos possível e cada vez mais preterida pelo ser humano. É na interioridade que se inicia a vida do espírito. As solicitações da vida o consomem de tal forma que ele já nem cuida de si para além das necessidades fisiológicas mais imediatas, com vistas à manutenção das condições de saúde necessárias ao trabalho e à reprodução, bem como não se recorda mais desse caracter constituinte de si, o espírito, chegando até mesmo a negá-lo. Não negam sua existência tanto algumas filosofias, quanto organizações sociais vivenciadas ao longo da História, especialmente a deste tempo? Tal negligência

> [...] atinge a própria vida, abate seus impulsos, desdobra-a em espécies de exemplares indefinidamente repetidos, degenera as descobertas em automatismos, esconde a audácia vital em formações de segurança donde a própria invenção se retira, continua por inércia movimentos que em seguida se voltam contra o seu fim. Acaba por aniquilar a vida social e a vida do espírito através do afrouxamento do hábito, da rotina, das ideias gerais e da tagarelice de todos os dias. (MOUNIER, 1974, p.45).

Vida social e vida do espírito. Desta última, pode-se falar de várias maneiras e muitos filósofos e filósofas já o fizeram. Também já se esboçou, anteriormente, o que Mounier entende por espírito. Uma recordação dessa ideia será de grande valor:

> Quando dizemos o espírito é o espírito o que dizemos: não um reflexo biológico de justificação ou uma hipótese de estrutura, mas uma realidade à qual nos entregamos totalmente, que nos supera, nos penetra, nos compromete inteiramente, nos fazendo superar nossos próprios limites. (MOUNIER, 1975, p.29).

Consequentemente, desse entendimento é que decorre sua compreensão de *vida do espírito*. Como, porém, falar de vida do espírito, se este não estiver presente na ideia que o ser humano tem de si mesmo? Sobre esta dificuldade, Mounier declara que

> Não pode existir aventura mais magnífica que esta realidade inesgotável do espírito nos corações dos homens e por cima de suas cabeças, a qual só podemos abordar por meio de símbolos, linguagens, contatos, pesquisas, paciências e esclarecimentos. Não têm fé nela; uma presença que não se toca ou que não se fabrica, uma presença distante, digo, carecem de grandeza de coração e de inteligência para manter a crença nela. Eis aí uma verdade humana. (MOUNIER, 1975, p. 56).

A partir desta verdade e da necessidade desta condição de possibilidade de experimentá-la que é o necessário recolhimento, ou a subjetividade, a vida interior, a interioridade, o filósofo de Grenoble parece fazer então uma crítica às estruturas, de pensamento e de ação, materiais ou espirituais, que não colaborem para a realização desta vida do espírito. Assim, pode-se notar a denúncia de mais uma força de despersonalização, além do *monismo* e do *dualismo pernicioso,* já denunciados: as condições, ou melhor, *a falta das condições necessárias para* a *vida do espírito*:

> O espiritual também é uma infra-estrutura. As desordens psicológicas e espirituais, ligadas a uma desordem econômica, podem minar durante muito tempo as soluções adquiridas no campo da economia. E mesmo a mais racional estrutura econômica, se estabelecida com desprezo das exigências fundamentais da pessoa, traz dentro de si a própria ruína. (MOUNIER, 1974, p.49).

Como se percebe, não é possível uma dissociação entre material e espiritual, pois é já no material que se encontram as condições de vivência do espiritual, ou, antes, "a relação dialética da matéria à consciência é tão irredutível como a existência, quer de uma, quer de outra" (MOUNIER, 1974, p.50) e "cada vez mais a ciência e a reflexão nos revelam um mundo que não pode passar sem o homem e um homem que não pode passar sem o mundo". (MOUNIER, 1974, p. 48).

Desta forma, Mounier continuará sua reflexão acerca das forças de despersonalização fazendo uma análise das estruturas sufocantes da *vida pessoal*. Certamente, essas estruturas estarão muito ligadas ao que se chamou de impessoal, de material. Mas não se deve esquecer sua dialética com o caráter espiritual do ser humano, dialética que sugere uma espécie de causalidade circular no movimento da realização da pessoa, da vida pessoal.

Uma definição suficiente de *vida pessoal* é oferecida pela tese de Antonio Glauton Varela Rocha, que assim se expressa, levando em conta as três principais dimensões da pessoa, ou seja, a encarnação, a vocação e a comunicação:

> De tal forma, podemos, assim, definir a vida pessoal: é um modo de vida que se configura através de escolhas conscientes e livres que desembocam num agir pautado pelas dimensões pessoais; ou ainda: é o modo especificamente humano de existir, que realiza (atualiza) a pessoa em todas as suas dimensões. (ROCHA, 2011, p.57).

Assim, pode-se falar do processo de despersonalização a partir da identificação das forças que sufocam a pessoa ou a impedem de se realizar, o que representa um embate teórico bastante direto no sentido de afrontar tais forças. Parece que Mounier e a maioria de seus comentadores – Rocha, por exemplo – preferiram um caminho mais curto, no qual se faz vir à tona o processo de despersonalização muito mais pelo que se diz do processo de personalização e daquilo que é necessário para que ocorra, do que por esse caminho de afrontamento. Isto pode ser compreendido mediante o reconhecimento da necessidade legítima de não negligenciar a menção às dimensões básicas da pessoa e à salvaguarda das condições de concretização dessas dimensões, que, como diz Mounier, são condições para o aparecimento da própria vida pessoal: "Os três exercícios essenciais da formação da pessoa são, pois: a meditação, em busca da própria vocação; o compromisso, reconhecimento de sua encarnação; a depuração, iniciação à entrega de si e à vida nos demais. Se a pessoa falha em algum deles, fracassa". (MOUNIER, 1975, p.67).

Ora, qualquer força ou instituição, então, que retire do ser humano a possibilidade de concretizar as três dimensões constituintes da pessoa – vocação, compromisso e comunicação – pode ser considerada despersonalizadora. Se o caminho for este, necessariamente há de se iniciar pelas condições materiais, que geralmente são as mais imediatas, para, num segundo momento, falar daquilo que toca mais especificamente ao espírito. Todavia, as considerações a respeito destas ultimas já foram feitas, de maneira suficiente e, como se ressaltou, não há uma separação possível desses dois aspectos da vida humana numa filosofia que pretende pensá-la de maneira integral e, portanto, da única maneira real, de tal forma que, ao se falar de estruturas como Estado, e de necessidades de primeira ordem como Educação, e Saúde, dentre outras – estruturas e necessidades impessoais, no sentido de materiais, primeiramente – não se

estará ignorando que quem vive sob o Estado e tem tais necessidades, é o ser humano integral, real.

Pensando desta maneira, esta reflexão chega à analise do lugar do Estado na vida da pessoa. Ou melhor, do lugar que o Estado *deveria* ocupar na vida pessoal, bem como nas influências de toda e qualquer instituição, negativa ou positivamente, no processo de personalização.

4.1 – Estado, demais instituições e despersonalização

Para tratar do tema do Estado como possibilidade de força despersonalizadora, retoma-se aqui um artigo do autor desta dissertação[14], publicado recentemente, no qual se discute a problemática. A fundamentação teórica dessa discussão pode ser encontrada em diversas obras de Mounier, mais especificamente em *O Personalismo*, que traz, no capítulo intitulado *A Revolução do século XX*, um *esboço duma teoria personalista do poder*, e analisa as relações de poder entre os seres humanos e eles mesmos, bem como entre estes e as instituições por ele criadas.

Acrescenta-se que tudo o que for dito a respeito do Estado, pode ser dito – e deve – também a respeito das demais instituições, como escolas, partidos, hospitais e todo tipo de instituição.

Conforme o referido artigo, que se propõe a pensar o papel das instituições, especialmente o do Estado, nos movimento de personalização e despersonalização,

> [...] a delimitação de um lugar para o Estado, em si, já configura tarefa difícil e parece soar como ousadia subversiva nos dias de hoje, onde se costuma atribuir-lhe diversas responsabilidades, poderes e obrigações, por vezes até excessivos e errôneos: pelo menos em nível de Brasil, não seria exagero afirmar uma dependência cada vez mais crescente do Estado e uma onipotência do mesmo, presente na [in]consciência política da maioria das pessoas – dependência e onipotência bastante perigosas, diga-se de passagem, que se aproxima de uma alienação de

[14] O artigo *A utópica relação de poder entre pessoa e Estado na teoria política personalista* foi publicado pela Revista *Dialogando*, v.2 - n. 4, Jul./Dez.2017, e consta no Apêndice desta Dissertação.

> responsabilidades pessoais e abre espaço para um exagero de presença do Estado na vida e universo das pessoas. (SILVA, 2017, p.39-48).

Retomar a ideia de uma discussão a respeito do lugar do Estado na vida pessoal, quando se fala do processo de despersonalização, é extremamente importante para compreender em que medida uma instituição pode representar uma força despersonalizadora, num momento político em que as pessoas tendem a se distanciar de reflexões relevantes como esta e se fixam, no máximo, em polaridades partidárias e ideológicas em seus diálogos, quando acontecem.

Obviamente, é difícil esperar uma consciência política efetiva geral, já que, levando em conta as conjunturas educacionais atuais, percebe-se que estas conjunturas estão muito aquém da capacidade de formação de criticidade "e não partem de uma visão total do homem, cumprindo apenas parte de uma tarefa muito maior, com a transmissão de instrução e técnica, carecendo sempre da formação integral tão necessária à mudança de *status quo* na sociedade" (SILVA, 2017, p.39-48). Corroboram para a compreensão do que se deseja expressar neste momento, a situação atual da Educação no país, que parece pensada sistematicamente como um projeto de crise, desde a manutenção das condições de trabalho maçantes e desanimadoras geradas por um sistema que já se provou ser ineficaz e desumano desde as suas bases; os baixos salários dos docentes, principalmente da educação básica pública; o corte orçamentário das universidades públicas e o desestímulo, também sistematicamente pensado, ao que parece, das pesquisas em Humanidades. Isto é despersonalizador, pois, como recorda Mounier, "se a política não é tudo, está em tudo". (MOUNIER, 1974, p.193). E não há verdadeira política sem educação para a política.

Pensar o Estado como possível força de despersonalização, passa pela reflexão a respeito da crise de credibilidade que a sociedade deste tempo vivencia:

> A realidade atual das relações de poder entre pessoa e Estado é bastante delicada: a sociedade vive uma crise em todos os segmentos, mas de forma particularmente tensa, no que diz respeito à credibilidade a ser depositada nas instituições e em seu funcionamento e eficácia, ao mesmo tempo que não consegue se pensar à margem da situação nem em outra forma de relação com as mesmas instituições e perde, cada dia, forças importantes no seu processo de transformação

> ao longo dos tempos, como a força da utopia, minada cada vez mais diante de um processo de despersonalização vivenciado em todos os níveis. Isto acontece porque a forma da sociedade se apoia numa antropologia, numa visão de homem, que no caso, é a visão individualista, que não conduz senão à forma de Estado que conhecemos hoje, com pano de fundo contratualista e que tem em sua estrutura uma burocratização muitas vezes causadora de morte e uma tendência indiscutível ao abuso do poder na relação com a pessoa. (SILVA, 2017, p.39-48)

Assim, seria necessário pensar uma condição para o Estado, na qual ele, ao menos e apenas, cumpriria seu papel de facilitador e garantidor das condições necessárias ao surgimento e desenvolvimento tanto da pessoa como de uma comunidade de pessoas. Tal é a configuração de Estado que o personalismo apresenta, ou seja, comunitária, baseada na afirmação de que uma comunidade política seria natural ao homem. Tal afirmação pode ser encontrada nos escritos de Juan Carlos Scannone, que cita Francisco Suárez, teórico político que identifica as bases das relações de poder em um consenso comunitário, e não em um contrato social de base individualista:

> Suárez é um filósofo político moderno, e sua modernidade se mostra na acentuação da liberdade e, por isso, da necessidade do consenso voluntário. Mas ele não pressupõe uma antropologia individualista da liberdade, que só depois se faz social por meio de um pacto. Pelo contrário, o homem naturalmente livre é assim mesmo natural e necessariamente político e social, ainda que faça parte desta ou de outra comunidade política determinada de forma livre e histórica. (SCANNONE, 1998, p.134).

Deslocar a centralidade das relações de poder entre pessoa e Estado para a pessoa, é a proposta de Emmanuel Mounier. Para ele, "o Estado existe para o homem e não o homem para o Estado". (MOUNIER, 1974, p. 194). Desta maneira, o exercício do poder por parte do Estado só poderá ser justificado quando estiver a serviço do bem da pessoa e a serviço da promoção da pessoa, já que esta seria a função presumida desde o início para este modo de governabilidade:

> Deste modo o povo foi a causa eficiente de todos os reis, príncipes e magistrados legítimos. Portanto, se o povo foi a causa efetiva ou eficiente e final dos reis e príncipes, já que tiveram origem no povo mediante uma eleição livre, não poderão impor ao povo que os

> serviços e tributos que fossem devidos ao mesmo povo e cuja imposição foi consentida a si mesmo pelo próprio povo.
> Donde se deduz claramente que, ao eleger o rei, o povo não renunciou à sua liberdade nem lhe entregou ou concedeu o poder de violentar ou de fazer ou legislar coisa alguma em prejuízo de todo o povo ou da comunidade.
> Outra prova: antes que existissem reis e magistraturas, os bens a que nos referimos eram de toda a comunidade e pertenciam a ela por direito natural. O povo, natural e historicamente, é anterior aos reis, mas teve que dedicar parte dos bens públicos à manutenção dos reis; por isso foi o povo quem criou e estabeleceu o direito dos reis. (LAS CASAS, 1990, p. 63 e 65).

A argumentação prossegue com a identificação "da finalidade do Estado com a obrigatoriedade de promover o bem comum e assegurar o estatuto da pessoa". (SILVA, 2017, p.39-48). Fazendo ele mais que isto, ou menos, certamente poderá representar uma força de despersonalização.

Mas qual seria a forma de um Estado ideal, para o personalismo? Como pode o Estado passar de força despersonalizadora a facilitador do processo de personalização? Salutar se faz a lembrança, contudo, de que a personalização não depende exclusivamente do Estado, muito menos de qualquer outra estrutura material ou instituição, como se verificou quando se tratou de tal processo, anteriormente – caso contrário, não haveria possibilidade de realização, para a pessoa. Mas, encontrar-se-á uma indicação de como seria esse Estado garantidor das condições desta realização, nos escritos do teórico personalista Jesús de la Torre Rangel, que assim se expressa:

> [...] um Estado personalista não é coletivista ou totalitário, à maneira dos regimes que afogam a liberdade e a responsabilidade criativas da pessoa, como no caso dos fascismos e do socialismo de tipo soviético; nem tampouco é um estado neutro ou simples mecanismo técnico, à maneira do Estado liberal; mas se trata de um Estado sustentado pela ação livre e responsável das pessoas, em seu próprio benefício, para o bem comum. Seu Direito, enquanto normatividade, deve expressar esse serviço à pessoa. (RANGEL, 2000, p. 192).

Ademais, afirmando que o Estado existe para a pessoa e não o contrário, o personalismo abrirá um espaço para o entendimento de que é preciso garantir um estatuto fundamental da pessoa: compreender os direitos subjetivos como faculdades das pessoas; direitos estes que têm origem na sua própria dignidade e que necessariamente passam pela

consideração do outro como participante dos mesmos direitos. Seria função do Estado, justamente, zelar por essa garantia:

> O Estado, enquanto autoridade dotada de poder, concentração mesma da juridicidade objetiva, tem o mesmo sentido, a mesma função do direito normativo, ou seja, o serviço dos direitos das pessoas e a criação de condições das relações de justiça. Seu fim e a guia de suas ações é o bem comum; seu âmbito de jurisdição tão amplo como seu fim, ainda em matéria econômica, pois de acordo com Mounier, "deve impor, posto que ela se nega, uma distribuição mínima da riqueza. (RANGEL, 2000, p. 192).

Uma rápida observação, porém, fará vir à tona a verdade incômoda de que, pelo menos no Brasil dos dias atuais, senão no mundo, a democracia representativa não está nem perto de legislar ou de governar de acordo com os parâmetros ou objetivos descritos acima.

Finalmente, é forçoso admitir "a necessidade urgente de um movimento de personalização que faça frente ao empobrecimento intencional que aprisiona as massas despersonalizadas na inverídica ideia de onipotência do Estado e do seu lugar na vida das pessoas e da comunidade de pessoas" (SILVA, 2017, p.39-48). Tal movimento passa pela descoberta do que é ser pessoa, do que é ser comunidade; passa pela educação, que assume um papel não mais reduzido à informação e formação técnica, pois, assim como está, também pode, em grande medida, ser considerada como força de despersonalização; passa por uma concepção de serviços de saúde voltados mais a preservar a saúde das pessoas do que a coletar dados para um exercício de poder; e passa, ainda, por tantos meios, que, no *status quo*, são utilizados, ao contrário do que deveriam ser, como forças de despersonalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o esforço empreendido na tentativa de resolução do problema proposto nesta dissertação, que se exprimiu pela intenção de evidenciar como Emmanuel Mounier compreende os movimentos de personalização e despersonalização, ou seja, compreender como e de que maneira pode o ser humano vir a ser pessoa – e de que maneira ele não chega a ser ou, tendo chegado a ser pessoa, de que maneira ele se pode despersonalizar, chegamos ao termo deste trabalho com algumas conclusões, que serão expostas a seguir.

Primeiramente, como era de se esperar de uma reflexão feita com base em uma Filosofia que procura resguardar o status de *permanência aberta* em sua tentativa de definição de ser humano, concluímos, junto a todos os teóricos personalistas consultados, que definir a pessoa, fechando-a num conceito ou num sistema, não é possível, a não ser que se lance mão de uma maneira de fazê-lo que não agrida seu caráter indefinitivo. Note-se que se diz, aqui, *indefinitivo,* e nunca – o que representaria uma atitude nada filosófica – indefinido ou indefinível. Com efeito, nossa primeira tentativa foi a de chegar a uma definição de pessoa que, conforme a exigência personalista descrita acima de manter sua abertura permanente, fosse, ao mesmo tempo, desta natureza e atendesse às exigências conceituais de um trabalho filosófico.

Desta atitude de humildade frente ao mistério da pessoa – poderíamos, sem cerimônias, chamar assim a consideração de que é forçoso admitir que, com os aparatos conceituais e técnicos de que dispõem, tanto a Filosofia, quanto quaisquer ciências atuais, não são capazes de esgotar o tema – concluímos, num segundo momento, que definir o processo de personalização, bem como o processo inverso, a despersonalização, é uma tarefa que goza das mesmas dificuldades da definição da pessoa. Novamente chamamos a atenção para o fato de que afirmamos não a impossibilidade de conhecer esses processos, mas sim, a impossibilidade de conhecer de maneira completa, restando-nos a possibilidade de conhecê-los apenas de maneira parcial, como que por aproximação. Talvez o problema esteja em aceitar que a pessoa seja uma questão filosófica que, como outras, não termina. Isto, todavia, não nos soa como derrota. Pelo contrario, soa-nos como fidelidade ao que se pode, a respeito dela, afirmar.

Em nossa tentativa de expor o conceito de pessoa – esta forma de compreensão do ser humano enfatizada e desenvolvida por Mounier – chegamos também à conclusão de que não seria necessário um processo de personalização (e nem seria possível falar de despersonalização), caso todo ser humano fosse já uma pessoa. Isto expõe uma aparente divergência do nosso pensamento quanto ao pensamento do filósofo, que parece afirmar que todo ser humano seria pessoa. Pensamos, para fundamentar nossa hipótese de que nem todo ser humano já seja uma pessoa, em todo o processo de desenvolvimento material e espiritual; na tomada de consciência; nos processos de aprendizagem e uso da linguagem; na intencionalidade e em tantas outras categorias fenomenológicas, psicológicas, culturais e sociais, que representam tantos processos vivenciados por cada ser humano ao longo de sua existência. Desta forma, nos parece correta a posição que assumimos de afirmar o processo de personalização como *telos* do ser humano.

Para descrevermos de maneira aproximada o processo de personalização, fizemos uso, ao longo desta reflexão, de um caminho que consideramos fiel ao pensamento mounieriano, caminho que foi apresentado quando expusemos, uma a uma, as estruturas do universo pessoal, dissertando sobre elas como quem fala de um mapa. Ora, falar da existência de um caminho ou de um mapa, não é o mesmo que oferecer ao interlocutor um conhecimento definitivo. Concluímos, antes, que este mapa é uma indicação de que o devir da pessoa, sua realização, é pessoal e intransferível. Mais ainda: existem certos processos que serão vivenciados de maneira diferente por seres humanos diferentes, na sua busca pela personalização. E ainda há de se considerar as possibilidades e impossibilidades de comunicar a experiência pessoal, os limites da comunicação. Afirmamos, contudo, junto com Mounier, que existem três estruturas do universo pessoal que precisam ser concretizadas por qualquer ser humano que decida empreender seu processo de personalização: a vocação, signo da particularidade, tanto de identidade quanto de possibilidade e decisão de ação no mundo e na comunidade, e que só se vislumbra na meditação e na vida interior; a comunicação, que faz com que seja possível a realização de aprendizados, trocas de experiências e co-construção do eu; e o compromisso, que é o reconhecimento de nossa situação encarnada e transcendente, a um tempo.

Ao trazermos nossas perspectivas sobre o tema da despersonalização, nossas conclusões foram na mesma direção das que tivemos quando falamos do processo de

personalização: falar de despersonalização só é possível admitindo como axioma a hipótese de que nem todo ser humano seja pessoa. Procuramos estender nossa compreensão do movimento de despersonalização e alargá-lo, em comparação com o que pudemos absorver das fontes mounierianas e personalistas, em geral, para uma compreensão que chamamos de dupla, ou seja, compreendemos a despersonalização como *não chegar a ser pessoa* e como *deixar de ser pessoa*. Identificamos que, da mesma maneira que existem condições sem as quais o ser humano não chega a ser pessoa – e essas condições são, a um tempo, materiais e espirituais –, existem também condições frente às quais é possível afirmar a fragilidade da pessoa e a sua dissolução, o que equivale, logicamente, a afirmar que existem condições de despersonalização.

Em nossas análises, colocamos a tônica ou demos maior destaque às condições materiais de despersonalização, começando pelo entendimento do lugar do Estado na vida pessoal e estendendo as conclusões a respeito do mesmo a todo tipo de instituição humana, pois concluímos que a descrição que tentamos do processo de personalização dera conta, por sua vez, dos objetivos fenomenológicos, hermenêuticos, éticos e ontológicos almejados na apresentação do processo em questão, restando, por fim, falar dos elementos políticos envolvidos nos processos, tanto de despersonalização, como de personalização.

Finalmente, julgamos ter logrado êxito em propor uma solução para o problema desta dissertação, dentro daquilo que o personalismo admite como método e possibilidade de afirmação sobre o ser humano, lembrando sempre que a pessoa só pode ser definida como uma permanência aberta.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Ernst. **O Princípio da Esperança**. Tradução: Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro. Editora Contraponto. p. 115 a 176. 2005

CARRERAS, Juan Sáez. **Emmanuel Mounier: una filosofia de La educacion**. Valencia: NAU Libres, 1981.

COSTA, Daniel. **A Emergência e a Insurgência da Pessoa na História**. 2009. 806f. Dissertação (Mestrado) – PPG Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02092009-164151/pt-br.php. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

CUGINI, Paolo. Emmanuel Mounier e a experiência da revista "Esprit". **A origem da filosofia personalist**. *Dialegesthai. Rivista telematica di filosofia* [in linea], anno 11 (2009) [inserito il 20 dicembre 2009], Disponível em: <https://mondodomani.org/dialegesthai/>. Acesso em: 5 mai. 2018.

DÌAZ, Carlos. **Emmanuel Mounier (Un testimonio luminoso).** Madri: Ediciones Palabra, 2000.

LAS CASAS. Bartolomé de. **De Reggia Potestade. Obras Completas 12, Edición en latín y castellano**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

LORENZON, Alino. **Atualidade de Pensamento de Emmanuel Mounier**. Ijuí: Unijuí Ed., 1996.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOIX, Candide. **O Pensamento de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

MONTORO, André Franco. **Introdução à Ciência do Direito.** São Paulo: Livraria Martins Editora, vol. II., 1971.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1974.

MOUNIER, Emmanuel. **Oeuvres 2: Traitè du Caractère.** Paris: Seul, 1946.

MOUNIER, Emmanuel. **Que es el Personalismo?** Buenos Aires: Criterio S.R.L., 1956.

MOUNIER, Emmanuel. **Revolucion Personalista y Comunitaria**. Madrid: Editora Zero, 1975.

MOUNIER, Emmanuel. **Manifesto ao Serviço do Personalismo.** Lisboa: Moraes, 1967.

MOUNIER, Emmanuel. **Introdução aos existencialismos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

NATÁRIO, Celeste. Ser humano e Pessoa: trânsito e recurso. **Reflexão**, Campinas, jan./jun., 2007, p. 37-41. Disponível em<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/search/authors/view?firstName=Celeste&middleName=&lastName=Nat%C3%A1rio&affiliation=&country=>. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

PERNOUD, Régine. ***Idade Média: o que não nos ensinaram***. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1979.

RANGEL. Jesús de la Torre**.** Mandar obedeciendo. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. **Isonomía,** México, n°12, abril 2000. Disponível em<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-02182000000100181> Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

RICOEUR, Paul. **Leituras 2, A Região dos filósofos**. Tradução: Marcelo Perine e Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 158. Disponível em< https://books.google.com.br/books?id=aW4HM-_QU4C&lpg=PA155&ots=nNCUFFCrfa&dq >Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

ROCHA, Antonio Glauton Varela. **As Noções de Pessoa e Vida Pessoal em Emmanuel Mounier**: Fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado) – PPG Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2011. Disponível em<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC_d8800c85eb47044babbe24b302cdf764> Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

ROCHA, Antonio Glauton Varela. A antropologia personalista de Emmanuel Mounier e os Direitos Humanos. **Revista Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia**, São Luis, julho de 2011, v. 4, n. 4, ano 4, 2011, p. 77-90.

RUIZ, Ivan Aparecido & SILVA, Priscilla Galli. A importância da compreensão do que é o ser humano para o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Jurídica Cesumar – Mestrado**, Maringá, set,/ dez., 2016, v.16, n. 3, p. 897-917.

SCANNONE. Juan Carlos. Lo social y lo político según Francisco Suaréz. Hacia una relectura latinoamericana actual de la Filosofia política de Suárez, en Xipe Totek**. Revista de Filosofia y Ciencias Sociales del Inst. Libre de Filosofia y Ciencias y Centro de Reflexión y Acción Social,** Guadalajara, n°26, junio de 1998.

SILVA, Weider Ferreira. A utópica relação de poder entre pessoa e Estado na teoria política personalista. **Revista Dialogando**, Quixadá, v.2 - n. 4, Jul./Dez.2017.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2.** São Paulo: Loyola, 2000.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica. 11 ed.** 1 vol. São Paulo: Loyola, 2011.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica I.** São Paulo: Loyola, 1991.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 2000.

APÊNDICE – ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA DIALOGANDO

A UTÓPICA RELAÇÃO DE PODER ENTRE PESSOA E ESTADO NA TEORIA POLÍTICA PERSONALISTA

Resumo

Para além da discussão sobre qual seja o melhor regime de governo e sob qual partido-orientação política deve ele estar, urge a necessidade de se discutir qual o lugar do Estado na vida das comunidades humanas.
A definição desse lócus está na base das reflexões acerca das relações de poder entre o homem e seu(s) coexistente(s) e entre o homem e o Estado, bem como das relações de direito entre eles.
Passando pela noção de personalização da condição humana, partindo do axioma de que o ser pessoa é a realização mais perfeita possível dessa condição; e pela noção de utopia como possibilidade a ser alcançada e conquistada, esta reflexão tem como objeto de estudo o status quo das relações entre Pessoa e Estado, fundado na antropologia individualista e aquilo que se pode antever de um status que se admite como possibilidade mais humanista e geradora de dignidade para as comunidades de pessoas, portanto mais rica em relação ao que se tem atualmente, a qual seja fundada numa antropologia personalista, com vistas a contemplar o homem em sua totalidade e a totalidade de suas relações interpessoais.

Palavras- chave: Personalismo; Pessoa; Emmanuel Mounier; Política; Utopia.

Résumé

En plus de la discussion sur ce qui est le meilleur système de gouvernement en vertu de quel parti politique d'orientation devrait-il être, il y a un besoin urgent de discuter de ce que le lieu de l'État dans la vie des communautés humaines.
La définition de ce locus sous-tend les réflexions des relations de pouvoir entre les hommes et leur (s) coexistant (s) et entre l'homme et l'Etat, ainsi que les relations juridiques entre eux.
Tourner le concept de personnalisation de la condition humaine, fondée sur l'axiome que la personne est d'être aussi parfaite que possible réalisation de cette condition; et la notion d'utopie comme possibilité d'être atteint et conquis, cette réflexion a pour objet d'étude le *status quo* de la relation entre la personne et de l'État, sur la base de l'anthropologie individualiste et ce qui peut prévoir un *status* qui est accepté comme possibilité plus humaniste et la génération de dignité pour les communautés de personnes, donc plus riche par rapport à ce qui est actuellement et doit être basée sur une anthropologie personnaliste, afin de comprend à l'homme dans sa totalité et la totalité de leurs relations interpersonnelles.

Mots-clés: Personnalisme; Personne; Emmanuel Mounier; Politique; Utopia.

INTRODUÇÃO

Prescindir da definição do termo 'Utopia' num escrito pretensamente político, em Filosofia, deveria ser praxe usual e unânime. Todavia, para fins de maior alcance desta modesta reflexão, considera-se necessário advertir que o termo, aqui utilizado, assume tão somente o significado de uma concepção teórica contrária ou crítica ao status quo, no caso, das relações de poder entre a Pessoa e o Estado, bem como o de uma "pré-consciência" [15], tendo como base das ponderações a respeito do tema, a Filosofia Personalista, algumas ideias oriundas da leitura da obra Utopia, de Thomas Morus e do Princípio da Esperança, de Ernest Bloch.

Objetiva-se partir da realidade hodierna das relações de poder acima mencionadas, identificando suas limitações e as consequências das mesmas no universo pessoal [16] e, num mesmo movimento, contrastar a realidade atual dessas relações com aquela que poderia advir de uma reorganização política e social fundada sobre as bases conceituais personalistas.

Evidentemente, a primeira tarefa que se impõe é a de elucidar alguns termos técnicos que serão utilizados, como foi o caso de 'Utopia' e, agora, do termo 'Personalismo', sob pena de uma confusão irremediável.

'Personalismo' nada tem a ver com subjetivismo ou promoção de uma individualidade pessoal específica para quaisquer que sejam os fins. Uma consulta rápida na literatura política brasileira poderia conduzir a este engano pueril, cometido por diversos intelectuais, até brilhantes em suas análises, porém, desavisados do significado oficial do termo, que designa uma Filosofia ou movimento filosófico surgido em 1930, sob a égide da revista Esprit, que pretendia difundir uma concepção de homem e de mundo alicerçados no conceito de Pessoa, cunhado por Emmanuel Mounier e outros pensadores de seu círculo.

Por sua vez, o conceito de Pessoa proposto pelo Personalismo traz em seu âmago uma maneira peculiar e original de abordar a realidade do Homem, de maneira mais holística que os conceitos utilizados até então para abarcar este tema. "Sujeito", "consciência", e outros

[15] Para uma melhor compreensão do termo, vide "O Princípio da Esperança I, de Ernst Bloch, p. 115 a 176.
[16] Entenda-se em tudo que faz parte da condição humana e diz respeito à pessoa.

conceitos clássicos da Filosofia já não atendem, na afirmação de Mounier, à necessidade de compreensão de si mesmo por parte do homem contemporâneo.

A novidade e atualidade do conceito de Pessoa, e sua amplitude de alcance em detrimento de outros que poderiam ser usados para designar o ser humano, é atestada por diversos pensadores, dentre os quais se destaca Paul RICOEUR:

> Volta a pessoa! Não insisto sobre a fecundidade política, econômica e social da ideia de pessoa. Basta-me evocar um único problema: o da defesa dos direitos humanos em outros países que não o nosso, o dos direitos dos prisioneiros e dos detentos em nosso país, ou ainda os difíceis casos de consciência postos pela legislação de extradição: como se poderia argumentar em cada um desses casos sem referência à pessoa?
>
> Mas quero me concentrar no argumento filosófico. Se volta a pessoa, é porque ela continua sendo o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais evocados em outro lugar; quero dizer, um candidato melhor do que todas as outras entidades que foram levadas pelas tormentas culturais evocadas acima. Prefiro dizer pessoa em vez de consciência, sujeito, eu. [17]

No entanto, para que uma leitura supérflua de seu ponto de vista não reduza o problema a uma questão de 'linguagem adequada', RICOEUR, no mesmo texto, elenca os problemas que tem a intenção de evitar ao defender o uso do conceito Pessoa, ao invés dos demais:

> Relativamente à "consciência", ao "sujeito", ao "eu", a pessoa aparece como conceito sobrevivente e ressuscitado. Consciência? como se crê ainda na ilusão de transparência que se liga a esse termo, depois de Freud e da psicanálise? Sujeito? como se nutriria ainda a ilusão de uma fundação última nalgum sujeito transcendental, depois da crítica das ideologias da escola de Frankfurt? O eu? quem não sente a impotência do pensamento para sair do solipsismo teórico, a não ser que ele parta, como em Emmanuel Lévinas, do rosto do outro, eventualmente numa ética sem ontologia? [18]

---

[17] RICOEUR, Paul. **Leituras 2, A Região dos filósofos**. Tradução: Marcelo Perine e Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 158. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=aW4HM-gUQU4C&lpg=PA155&ots=nNCUFFCrfa&dq. Acesso em 06 de fevereiro de 2017, às 16h.

[18] Idem

Para Emmanuel Mounier, ‘a Pessoa é um ser natural, mergulhado na corporeidade material (corpo), dotado de espírito (nous ou pensamento, alma ou psique, pneuma ou respiração), de liberdade, criatividade e imprevisibilidade irrevogáveis’.

O enunciado acima, que funciona como uma pretensa fórmula de definição, não representa, como já foi dito em outra discussão [19], mais que uma tentativa malograda de conceituar o que não verdade não caberia num conceito, para Mounier. Por diversas vezes ele afirma, em sua obra, que o ser humano ou a Condição Humana não podem ser conceituados com total sucesso, a não ser sob pena de redução ontológica e prejuízo na compreensão de tão grandioso tema: “[...] só se definem os objetos exteriores ao homem, que se podem encontrar ao alcance da nossa vista. Mas a pessoa não é um objeto. Antes, é exatamente aquilo que em cada homem não é passível de ser tratado como objeto.” (MOUNIER, 1960, p.15).

Poder, no pensamento Personalista

O poder que um homem exerce sobre outro sempre foi um tema controverso e, para o Personalismo, não foge a esta característica. Mounier ressalta a importância desta questão, dizendo que “o problema crucial do Personalismo é o da legitimidade do poder que o homem exerce sobre o homem, poder que parece contraditório com a relação interpessoal” (MOUNIER, 1960, p.194).

Essa aparente contradição é reforçada mais contundentemente quando se percorre o aparato conceitual personalista, que propõe conceitos chave como ‘comunicação’, ‘compromisso’, ‘afrontamento’ e até mesmo uma teleologia do existir humano voltada sempre para a formação de uma comunidade de pessoas, todas elas participantes de uma condição comum, a humana, com seu valor absoluto universal que se manifesta em cada pessoalidade.

Quando se pensa no exercício do poder e na sua legitimidade, surge, inevitavelmente, a questão levantada pelas teses anarquista e liberalista, a respeito da natureza humana: afinal,

[19] Utilizo-me da mesma fórmula em outros artigos, para expressar, ainda que minimamente, o conceito de pessoa no pensamento mounieriano.

o homem é bom ou mau, em sua natureza? Para o caso de ser ele mau, saberia exercer o poder de maneira outra que a egoísta? Esses dois extremos costumam chocar-se e excluir-se:

> Assim, temos, dum lado, otimismo da pessoa, pessimismo do poder; do outro, pessimismo da pessoa, otimismo do poder. Dos dois lados, na relação entre a pessoa e a coletividade, um termo é idealizado, outro esmagado. [20]

Decerto, não se trata de estabelecer se o exercício do poder é legitimo ou não. Igualmente, a querela entre as teses supracitadas parece não ter relevância, aqui. Nas reflexões personalistas, trata-se mais de tentar estabelecer bases seguras para esse exercício e de procurar alicerces mais sólidos para legitimá-lo e, sobretudo, pensar limites para isso. Se as bases do exercício e da legitimidade do poder não podem ou não devem ser assentadas sobre um otimismo radical de qualquer uma das duas partes – seja a pessoa, seja o poder – nem sobre o pessimismo radical de alguma delas, sob pena de inviabilidade, decorre, nas palavras do filósofo francês, que o poder "não pode estar baseado senão no destino último da pessoa, deve respeitá-lo e promovê-lo". (MOUNIER, 1960, p.195).

O poder, assim, deve emanar do compromisso da construção de uma comunidade de pessoas que são responsáveis umas pelas outras, já que se constroem, também a si mesmos, mutuamente: "os outros não são nem o paraíso, nem o inferno. São co-construtores do eu". (FERROUX, 1970, p. 31).

Sobre os limites a serem pensados para as relações de poder, aqueles são *conditio sine qua non* do serviço que estas devem prestar à construção de uma sociedade de pessoas, pois, sem este fim, não se justificariam:

> Se a pessoa deve ser subordinada, convém que não o seja senão enquanto se conserva a sua soberania de sujeito, reduzindo ao máximo a alienação que lhe impõe a condição de governada. [21]

---

[20] MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1960, p.195.

[21] Idem, p. 195-196.

Ademais, tais limites devem existir para salvaguardar todos e cada um contra todo tipo de abuso de poder, uma vez que poder sem limites sempre incorre em tal abuso.

[O lugar do] Estado, no pensamento Personalista

Em um dos seus últimos escritos, "O Personalismo", Mounier procura desenvolver um esboço do pensamento personalista a respeito de várias grandes temáticas da Filosofia. Uma das sessões do livro, que é intitulada "A Revolução do século XX", traz um capítulo chamado de "O Estado. A Democracia. Esboço duma teoria personalista do poder", que inicia suas reflexões evocando como tema principal e primeiro a definição e o estudo do 'lugar do Estado'.

A delimitação de um lugar para o Estado, em si, já configura tarefa difícil e parece soar como ousadia subversiva nos dias de hoje, onde se costuma atribuir-lhe diversas responsabilidades, poderes e obrigações, por vezes até excessivos e errôneos: pelo menos em nível de Brasil, não seria exagero afirmar uma dependência cada vez mais crescente do Estado e uma onipotência do mesmo, presente na [in]consciência política da maioria das pessoas – dependência e onipotência bastante perigosas, diga-se de passagem, que se aproxima de uma alienação de responsabilidades pessoais e abre espaço para um exagero de presença do Estado na vida e universo das pessoas.

Paradoxalmente, falando ainda no nível da situação nacional, as pessoas parecem se distanciar cada vez mais de reflexões políticas balizadas por questões relevantes como esta, do 'lugar do Estado' em suas vidas, preferindo discussões partidárias e oposições de ideologias, quando chegam a isto. Não se pode negar que a população de meia idade tem se interessado paulatinamente pela política, mas ainda é cedo para afirmar uma consciência política efetiva, principalmente quando se inicia tal análise pelas conjunturas educacionais atuais, que estão muito aquém da capacidade de formação de criticidade e não partem de uma visão total do homem, cumprindo apenas parte de uma tarefa muito maior, com a transmissão de instrução e técnica, carecendo sempre da formação integral tão necessária à mudança de

status quo na sociedade. Todavia, nas palavras de Mounier, "se a política não é tudo, está em tudo". (MOUNIER, 1960, p.193).

A realidade atual das relações de poder entre Pessoa e Estado é bastante delicada: a sociedade vive uma crise em todos os segmentos, mas de forma particularmente tensa, no que diz respeito à credibilidade a ser depositada nas instituições e em seu funcionamento e eficácia, ao mesmo tempo que não consegue se pensar à margem da situação nem em outra forma de relação com as mesmas instituições e perde, cada dia, forças importantes no seu processo de transformação ao longo dos tempos, como a força da utopia, minada cada vez mais diante de um processo de despersonalização vivenciado em todos os níveis. Isto acontece porque a forma da sociedade se apoia numa antropologia, numa visão de homem, que no caso, desde os tempos do Iluminismo, é a visão individualista, que não conduz senão à forma de Estado que conhecemos hoje, com pano de fundo contratualista e que tem em sua estrutura uma burocratização muitas vezes causadora de morte e uma tendência indiscutível ao abuso do poder na relação com a pessoa. Tal configuração de Estado é completamente diferente daquela que se busca apresentar aqui, ou seja, uma configuração comunitária, com base na afirmação de que a comunidade política não nasceria a partir de um pacto, mas seria natural ao homem. Esta afirmação é feita por teóricos políticos como Juan de Mariana e Suárez, que identificam as bases das relações de poder no consenso comunitário e não no contrato social de base individualista:

> Suárez é um filósofo político moderno, e sua modernidade se mostra na acentuação da liberdade e, por isso, da necessidade do consenso voluntário. Mas ele não pressupõe uma antropologia individualista da liberdade, que só depois se faz social por meio de um pacto. Pelo contrário, o homem naturalmente livre é assim mesmo natural e necessariamente político e social, ainda que faça parte desta ou de outra comunidade política determinada de forma livre e histórica. [22]

[22] SCANNONE. Juan Carlos. **Lo social y lo político según Francisco Suaréz**. Hacia una relectura latinoamericana actual de la Filosofia política de Suárez, en Xipe Totek. Revista de Filosofia y Ciencias Sociales, n°26, Inst. Libre de Filosofia y Ciencias, A<C> y Centro de Reflexión y Acción Social, A>C>, Guadalajara, junio de 1998, p. 134.

O deslocamento da centralidade nas relações de poder entre Pessoa e Estado é justamente a base do argumento de Emmanuel Mounier. Para ele, "o Estado existe para a pessoa e não a pessoa para o Estado" (Mounier, 1960, p. 194). Assim, o exercício do poder por parte do Estado só pode ser justificado quando está a serviço do bem da pessoa, de sua promoção, já que esta é a sua função presumida desde a gênese desse tipo de modelo de governabilidade:

> Deste modo o povo foi a causa eficiente de todos os reis, príncipes e magistrados legítimos. Portanto, se o povo foi a causa efetiva ou eficiente e final dos reis e príncipes, já que tiveram origem no povo mediante uma eleição livre, não poderão impor ao povo que os serviços e tributos que fossem devidos ao mesmo povo e cuja imposição foi consentida a si mesmo pelo próprio povo.
> Donde se deduz claramente que, ao eleger o rei, o povo não renunciou à sua liberdade nem lhe entregou ou concedeu o poder de violentar ou de fazer ou legislar coisa alguma em prejuízo de todo o povo ou da comunidade.
> Outra prova: antes que existissem reis e magistraturas, os bens a que nos referimos eram de toda a comunidade e pertenciam a ela por direito natural. O povo, natural e historicamente, é anterior aos reis, mas teve que dedicar parte dos bens públicos à manutenção dos reis; por isso foi o povo quem criou e estabeleceu o direito dos reis. [23]

Identificar a finalidade do Estado com a obrigatoriedade de promover o bem comum e assegurar o estatuto da pessoa é a primeira afirmação do Personalismo, ao tratar do lugar do Estado e das relações de poder, mesmo entre as pessoas; e um Estado pluralista é o que se consegue antever dessa forma ideal de organização social. Porém, se ainda não é possível vislumbrar como seria esse estado utópico de maneira completa e definitiva, resultado que não pode mesmo ser esperado de um processo engendrado por pessoas em toda a sua dinamicidade – justamente por causa desta dinamicidade, que antagoniza com a pretensão do definitivo – já se podem afirmar a presença de alguns elementos e seu papel nessa nova maneira de organização: "o poder tem por finalidade o bem comum das pessoas, que implica o sacrifício de interesses individuais, em respeito pleno à integridade e liberdade espiritual de cada pessoa" (Mounier, 1974, p. 771-774); o pluralismo do Estado, contemplado tanto na

[23] LAS CASAS. Bartolomé de. **De Regia Potestate**. Obras Completas 12, Edición en latín y castellano, Alianza Editorial, Madrid, 1990, Segundo Principio, IV. p. 63 e 65.

representação efetiva de toda a sociedade e na feitura das leis e exercício do Direito e, ainda, determinado equilíbrio entre certa autoridade e a liberdade:

> Qual será a nova forma desse Estado a serviço da pessoa? Pergunta nosso filósofo; e responde que o que sabe, junto com os anarquistas, é que ainda não foi realizado, e que "nunca o será de um modo utópico e que deverá ser constantemente reconquistado" [24]

Ao falar desses elementos presentes na configuração desse Estado utópico sobre o qual se discorre aqui, Mounier faz uma importante distinção entre poder, autoridade e força:

> Continuando, Mounier desenvolve o que chama "uma doutrina personalista da autoridade", onde distingue entre autoridade, poder e potencia (força). A autoridade, a considera como fundamento do poder, como "preeminência de uma existência ou de um valor espiritual"; ao poder, o vê como instrumento visível da autoridade, devendo a esta seu valor e a lei de seu exercício, o qual não exclui o exercício de certa coação, "ainda que tenha, por destinação espiritual, que purificar-se cada vez mais dela"; e a potência é, para Mounier, a materialização do poder, "resíduo do poder quando a autoridade se retira do mesmo, simples sinônimo de força". [25]

Parece residir na autoridade, desta forma compreendida, toda a possibilidade de justificação do exercício do poder nas relações interpessoais, em todos os regimes de governo possíveis, mas principalmente no regime democrático. A autoridade à qual alude Mounier parece poder ser identificada com o consenso de uma comunidade a respeito da eleição de um governante. O exercício do poder aparece, assim, acompanhado da exigência da máxima responsabilidade, já que "entendemos por democracia o regime por excelência da responsabilidade pessoal" [26] e, nesse sentido, o povo é comunidade de pessoas e não uma massa anônima ou uns indivíduos junto a outros: "caso se deva definir a democracia, poderia

[24] RANGEL. Jesús de la Torre**. Mandar obedeciendo**. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. En ISONOMIA n°12, abril 2000, p. 190.
[25] Idem, p.188.
[26] MOUNIER. Emmanuel. **Revolución Personalista y Comunitária**. En Obras I**.** Ed. Sígueme/ Instituto Emmanuel Mounier. Salamanca 1988-1993, p.228.

fazer-se isso dizendo que é a sociedade na qual não somente é permitido, mas é exigido o ser pessoa" [27].

À primeira vista tem se a impressão de que o modelo ideal de governo tenha em seus meandros o regime democrático, necessariamente. Mas o personalismo não faz esta afirmação, propriamente, embora simpatize mais com este regime do que com outros e, assim, pareça considerá-lo como parte integrante ou algo já mais próximo do Estado utópico ao qual alude em suas reflexões. Todavia não se furta a fazer a crítica do estado atual das democracias:

> O personalismo faz uma crítica à chamada "democracia de massas" dos regimes fascistas, por se tratarem de massas despersonalizadas. Tampouco aceita como autêntica a chamada "democracia liberal" individualista, expressada nos regimes representativos, como os parlamentos, porque é inoperante para o bem da pessoa, já que o regime no qual funciona – o capitalismo – oprime o ser humano, aliena a pessoa [28].

Os problemas identificados no regime de governo democrático atual por uma análise de cunho personalista são muitos. Com relação à supracitada crise de fé nas instituições, talvez o problema mais intimamente ligado a esta crise seja o da representação. Numa sociedade tão diversa e plural, só haveria garantia de bom funcionamento do regime democrático no caso de todos os setores da sociedade serem efetivamente representados. Ora, sabe-se que ainda se está muito longe de ter êxito em tal intento:

> A democracia capitalista é uma democracia que dá ao homem umas liberdades cujo uso o capitalismo lhe retira. A igualdade? Se proclama a igualdade jurídica, e sobretudo, o que conta para ela, a igualdade de oportunidades na corrida pelo dinheiro: hipocrisia em um regime no qual – apesar de alguns êxitos (frequentemente nascidos da violência e da usura), de algumas infiltrações avaramente dispostas – o ensino e as funções de mando são para o conjunto de monopólio de casta no que, em todos os terrenos, as sanções afetam diferentemente aos pobres e aos ricos. A soberania popular, finalmente, não é mais que uma isca, um engodo. O

[27] María Zambrano, citada por Jesús de La Torre Rangel in **Mandar obedeciendo**. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. En ISONOMIA n°12, abril 2000, p.169.
[28] RANGEL. Jesús de la Torre**. Mandar obedeciendo**. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. En ISONOMIA n°12, abril 2000, p.191-192.

> Estado político não representa a homens ou partidos, mas a massas de gente "livre" indiferenciada, cansada, que vota de qualquer maneira e se coloca sob a dominação dps poderes capitalistas, os quais, mediante a imprensa e o parlamento, mantém o círculo deste aviltamento". [29]

Com a representação deficitária ou pelo menos não efetiva de todos os setores da comunidade humana, a governabilidade se dirige apenas a "massas despersonalizadas" e o resultado dessa equação é a perpetuação de uma democracia meramente formal – que jamais chegará a oferecer credibilidade e verdadeira preocupação com a Pessoa, enquanto não se somar àquela uma democracia econômica –, além da reificação do humano e da sua redução ao número. E esses resultados não se aproximam em nada da visão de democracia do Personalismo:

> Ademais, a verdadeira democracia não se identifica com o reino do número, da maioria, mas com a consolidação de um regime político, que vive sempre criando-se e recriando-se, pelas pessoas em liberdade e plena responsabilidade.
> Um Estado personalista não é coletivista ou totalitário, à maneira dos regimes que afogam a liberdade e a responsabilidade criativas da pessoa, como no caso dos fascismos e do socialismo de tipo soviético; nem tampouco é um estado neutro ou simples mecanismo técnico, à maneira do Estado liberal; mas se trata de um Estado sustentado pela ação livre e responsável das pessoas, em seu próprio benefício, para o bem comum. Seu Direito, enquanto normatividade, deve expressar esse serviço à pessoa. [30]

Ao afirmar que o estado existe para a pessoa e não o contrário, Mounier abre espaço para a compreensão de que é necessário garantir o estatuto fundamental da pessoa: entender os direitos subjetivos enquanto faculdades das pessoas; direitos estes que se originam de sua própria dignidade e passam necessariamente pela consideração da alteridade como signatária dos mesmos direitos. A função do estado seria justamente zelar por essa garantia:

> O Estado, enquanto autoridade dotada de poder, concentração mesma da juridicidade objetiva, tem o mesmo sentido, a mesma função do direito

[29] MOUNIER. Emmanuel. **Revolución Personalista y Comunitária**. En Obras I**.** Ed. Sígueme/ Instituto Emmanuel Mounier. Salamanca 1988-1993, p.340.
[30] RANGEL. Jesús de la Torre**. Mandar obedeciendo**. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. En ISONOMIA n°12, abril 2000, p. 192.

> normativo, ou seja, o serviço dos direitos das pessoas e a criação de condições das relações de justiça. Seu fim e a guia de suas ações é o bem comum; seu âmbito de jurisdição tão amplo como seu fim, ainda em matéria econômica, pois de acordo com Mounier, "deve impor, posto que ela se nega, uma distribuição mínima da riqueza. [31]

Uma observação mínima, no entanto, trará à tona a verdade de que, pelo menos no Brasil dos dias atuais, a democracia representativa não chega nem perto de legislar ou governar segundo os parâmetros descritos acima e o prejuízo é (quase) geral.

Conclusivamente, cabe observar a necessidade urgente de um movimento de personalização que faça frente ao empobrecimento intencional que aprisiona as massas despersonalizadas na inverídica ideia de onipotência do Estado e do seu lugar na vida das pessoas e da comunidade de pessoas. Tal movimento passa pela descoberta do que é ser Pessoa, do que é ser comunidade; passa pela educação e por tantos meios, que, no status quo, são utilizados para realizar o movimento contrário à utopia ou, caso se deseje maior concretude e presença de possibilidade de realização desse objetivo, da pré-consciência de novas e melhores possibilidades, sempre presente no chão da experiência humana, no aqui e pelos tempos.

REFERÊNCIAS

MOUNIER. Emmanuel. **Revolución Personalista y Comunitária**. En Obras I**.** Ed. Sígueme/ Instituto Emmanuel Mounier. Salamanca 1988-1993.

MOUNIER. Emmanuel. **Anarquía y Personalismo.** En Obras I. Ed. LAIA, Barcelona, 1974.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1960.

RICOEUR, Paul. **Leituras 2, A Região dos filósofos**. Tradução: Marcelo Perine e Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 158. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=aW4HM- QU4C&lpg=PA155&ots=nNCUFFCrfa&dq. Acesso em 06 de fevereiro de 2017, às 16h.

[31] Idem, p. 193.

RANGEL. Jesús de la Torre**. Mandar obedeciendo**. Poder y democracia desde el Iusnaturalismo y el Personalismo. En ISONOMIA n°12, abril 2000.

F.FERROUX. **Alienation et societé industrielle**. Paris: Gallimard, 1970.

SCANNONE. Juan Carlos. **Lo social y lo político según Francisco Suaréz**. Hacia una relectura latinoamericana actual de la Filosofia política de Suárez, en Xipe Totek. Revista de Filosofia y Ciencias Sociales, n°26, Inst. Libre de Filosofia y Ciencias, A<C> y Centro de Reflexión y Acción Social, A>C>, Guadalajara, junio de 1998.

LAS CASAS. Bartolomé de. **De Regia Potestate**. Obras Completas 12, Edición en latín y castellano, Alianza Editorial, Madrid, 1990, Segundo Principio, IV.